

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Washington Novaes: Energias renováveis: a caminho da descentralização

PÁGINA 08 | José Walter Bautista Vidal: “Ecologia é a base dos patrimônios”

PÁGINA 11 | André Trigueiro: As crises ensinam muito, principalmente a prestar atenção aos sinais

PÁGINA 14 | Silvia Ribeiro: O consumo excessivo e injusto é intrínseco à lógica capitalista

PÁGINA 18 | Walter Pengue: “A humanidade deverá começar a pensar seriamente seu modelo de consumo”

PÁGINA 22 | Eric Toussaint: Interconexão entre as crises

PÁGINA 25 | Elmar Altvater: “A crise atual certamente representa o fim do neoliberalismo, mas não necessariamente o fim do capitalismo”

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 30 | Getulio Bertelli: Thomas Merton e Ernesto Cardenal: dois precursores da espiritualidade da libertação latino-americana

» Filme da Semana

PÁGINA 34 | *Última parada 174*, de Bruno Barreto

» Invenção

PÁGINA 36 | Fernando Paixão

» Destaques On-Line

PÁGINA 38 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Perfil Popular

PÁGINA 41 | Rosane Flores da Motta

» IHU Repórter

PÁGINA 42 | Susane Garrido



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Energias renováveis: a caminho da descentralização

“Quando se vive um momento de crise, os problemas podem ficar ainda mais complicados, porque, de acordo com as contas atuais, as energias renováveis têm um custo maior e são mais difíceis de serem adotadas”, afirma Washington Novaes

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

O descaso com o meio ambiente já está atingindo a economia mundial. Para não enfrentarmos uma catástrofe econômica ainda maior, “precisamos reduzir as emissões de gases em 80%”, aconselha Washington Novaes, ambientalista e jornalista brasileiro. Se não conseguirmos evitar isso, alerta, “sofreremos a maior recessão econômica da história do mundo e perderemos até 20% do produto bruto mundial”. Para tentar conter essa avalanche, será necessário “investir de 2 a 3% do produto mundial, por ano, em novas tecnologias e caminhos para evitar essas emissões”, aconselha. Muitas mudanças no processo de produção e consumo serão pertinentes nos próximos anos, mas um dos setores mais difíceis de sofrer alterações será o da pecuária. Segundo o pesquisador, “cada boi emite perto de 60 quilos de metano por ano, no seu processo de ruminção, arrotos e flatulências”. Num país como o Brasil, em que há aproximadamente 200 bilhões de gado, são gerados mais de 10 milhões de toneladas de metano por ano. “Como o metano é 23 vezes mais prejudicial do que o carbono, isso equivale a mais de 200 milhões de toneladas de metano por ano, emitidas pelo rebanho bovino brasileiro”, aponta.

Na entrevista que segue, concedida por telefone à IHU On-Line, Novaes diz que a descentralização das fontes de produção de energia é fundamental para constituir um novo modelo de matriz energética. Ele também percebe nas energias eólica e solar um grande potencial para abastecer o consumo. “Se fossem instalados painéis solares em um quarto da área do reservatório de Itaipu, seria possível produzir tanta energia quanto a Usina de Itaipu”, compara.

Graduado em Direito, jornalista e ambientalista, Washington Novaes já atuou em várias publicações brasileiras. Ganhou prêmios como *O Prêmio de Jornalismo Rei de Espanha*, o troféu *Golfinho de Ouro* e o *Prêmio Esso Especial de Meio Ambiente*. Atualmente, é colunista dos jornais *O Estadão* e *O Popular*, de Goiânia.



DIVULGAÇÃO

IHU On-Line - Qual é o impacto do aquecimento global na economia mundial?

Washington Novaes - O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas¹

¹ Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC): órgão das Nações Unidas responsável por produzir informações científicas em três relatórios que são divulgados periodicamente desde 1988. Os relatórios são baseados na revisão de pesquisas de 2500 cientistas de todo o mundo. O documento divulgado pelo IPCC em fevereiro de 2007 afirmou que os homens são os responsáveis pelo aquecimento global. Sobre o tema, a IHU On-Line 215 produziu uma edição especial, intitulada *Estamos no mesmo barco. E com enjôo. Anotações sobre o relatório do IPCC*. O site do IHU tem dado ampla cobertura ao tema. No endereço

diz que, se não reduzirmos as emissões em pelo menos dois terços do que elas são hoje, a temperatura da Terra subirá mais do que dois graus — levando em consideração que ela já subiu 0,8. Isso significará uma intensificação dos eventos extremos num nível muito grave.

Nicholas Stern,² ex-economista chefe do Banco Mundial, preparou um estudo sobre o impacto econômico do clima

eletrônico (www.unisinos.br/ihu), podem ser acessados entrevistas sobre o assunto. (Nota da IHU On-Line)

² Confirma informações sobre os estudos de Nicholas Stern nas *Notícias do Dia*, publicadas no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

para o governo britânico, no qual aponta que temos muito pouco tempo para trabalhar e tentar impedir que a temperatura se eleve além de dois graus. Precisamos reduzir as emissões de gases em 80%. Se não conseguirmos evitar isso, sofreremos a maior recessão econômica da história do mundo e perderemos até 20% do produto bruto mundial. Para que isso não aconteça, será preciso investir de 2 a 3% do produto mundial, por ano, em novas tecnologias e caminhos para evitar essas emissões.

Em outubro, a Agência Internacional de Energia³ publicou um diagnóstico da Agência Internacional de Energia (AIE):

tico dizendo que não conseguiremos evitar a elevação da temperatura, porque o consumo de energia subirá 45% até 2030, e ela será provida fundamentalmente por usinas movidas a petróleo, gás natural ou carvão. A Agência também diz que as emissões continuarão subindo, porque a maior parte do aumento do consumo de energia em países como a China e Índia será provido por queima de combustíveis fósseis.

IHU On-Line - De que maneira as energias renováveis podem contribuir para reduzir os impactos numa época de crises? As energias renováveis terão poder de barganha para negociar crises financeiras, por exemplo?

Washington Novaes - O confronto das energias renováveis com a energia derivada de combustíveis fósseis está na questão da contabilização de custos. Hoje, de acordo com os cálculos realizados, a energia eólica e solar são mais caras que as energias derivadas dos combustíveis fósseis. Mas isso depende de que cálculo se faz. Por exemplo, dizem que a utilização de combustíveis fósseis é mais barata, mas nesse processo não são contabilizados os custos que essa energia gera para saúde, para o meio ambiente. Ao utilizar essa energia no transporte, também não se contabiliza o custo de implantação de infra-estrutura. Então, tudo depende do que se contabiliza ou não.

Quando se vive um momento de crise, os problemas podem ficar ainda mais complicados, porque, de acordo com as contas atuais, as energias renováveis têm um custo maior e são mais difíceis de serem adotadas.

IHU On-Line - Considerando as riquezas naturais brasileiras, como o país pode se beneficiar com ambas as crises?

Washington Novaes - O ex-secretário da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan,⁴ se cansou de dizer

atua como a orientadora política para a energia para 26 países membros. Os seus esforços tentam assegurar serem confiáveis, acessíveis para uma energia limpa para os seus cidadãos. Foi fundada durante a crise do petróleo de 1973-1974. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Kofi Annan (1938): diplomata de Gana. Começou a trabalhar nas Nações Unidas ao ingressar em 1962 na Organização Mundial da

que os problemas centrais da humanidade são as mudanças climáticas e os padrões insustentáveis de produção e de consumo, que estão além da capacidade de reposição da biosfera terrestre. Os últimos relatórios do Programa Planeta Vivo dizem que estamos consumindo hoje, na Terra, cerca de 30% além do que ela pode repor. Ou seja, estamos numa posição absolutamente insustentável, porque esse consumo, além da capacidade de reposição, irá agravar muito a situação do Planeta, intensificando a desertificação, a crise da água, as mudanças climáticas etc.

“O Brasil continua correndo atrás de um crescimento econômico a qualquer custo e a qualquer preço, desatento às mudanças. É preciso rever esses modelos e implantar uma estratégia com possibilidade de futuro”

Agora, se serviços e recursos naturais estão escassos no mundo, o Brasil deveria adotar isso como ponto de partida da sua estratégia maior; nós temos o que o mundo precisa. Sob esse ponto de vista, costumo dizer que o Brasil é uma espécie de sonho do mundo. O país tem um território continental, sol o ano inteiro, 12% da água que corre pela superfície da Terra — o que é um privilégio —, além de 15 a 20% da biodiversidade planetária. Ou seja, o Brasil tem a possibilidade de criar uma matriz energética limpa e renovável com energia hidrelétrica, solar,

Saúde. Ao longo dos anos exerceu diferentes funções na ONU até chegar ao posto de secretário-geral em 1997. Em 2001, foi laureado com o Prêmio Nobel da Paz. (Nota da IHU On-Line).

eólica — só a energia eólica seria capaz de atender a todo o consumo brasileiro de hoje —, sem falar nas energias da biomassa. Então, isso deveria ser o centro das estratégias brasileiras, mas continuamos fazendo de conta que nada existe.

IHU On-Line - Em que sentido, neste momento, é válida uma revisão dos modelos econômicos e energéticos do Brasil?

Washington Novaes - É fundamental. O Brasil continua correndo atrás de um crescimento econômico a qualquer custo e a qualquer preço, desatento às mudanças. É preciso rever esses modelos e implantar uma estratégia com possibilidade de futuro.

IHU On-Line - A venda de créditos de carbono pode representar uma alternativa para os países subdesenvolvidos, no que se refere à conquista de poder econômico e político?

Washington Novaes - A venda de créditos de carbono tem argumentos dos dois lados. Os críticos dizem que, ao comprarem créditos de carbono, as empresas também adquirem o direito de continuar poluindo. Elas compram créditos em outros países, mas emitem poluentes na região em que estão instaladas. Os defensores dizem que em qualquer hipótese as emissões mundiais se reduzem.

O investimento em um projeto de redução das emissões no âmbito global é importante. Ele pode ser um caminho bom, visto por esse ponto de vista. Mas depende também de como será feita essa redução. O formato mais usado tem sido o de plantio de árvores para substituir com o carvão vegetal, o carvão mineral usado em siderurgias. No entanto, os críticos dizem que o plantio homogêneo de eucalipto e pinus provoca vários problemas: afasta a agricultura familiar e destrói a biodiversidade. Além disso, o eucalipto tem um consumo intensivo de água que acaba prejudicando os lugares onde ele é plantado. O fato de os créditos serem negociados em bolsas internacionais, onde são motivo de muita especulação financeira, também causa controvérsias entre os ambientalistas.

Existem outras maneiras de obter esses créditos, por exemplo, com a captação de metano em aterros sani-

tários e com a produção de energia. De qualquer modo, acredito que o ideal seja trabalhar para reduzir as emissões de gases no meio ambiente.

IHU On-Line - Alguns ambientalistas afirmam que, neste momento, é fundamental diminuir os níveis de emissão global de gases poluentes como o metano e o dióxido de carbono. Como isso será possível se a cada ano aumenta o tráfego de aviões e automóveis, por exemplo?

Washington Novaes - Precisamos trabalhar a reformulação das matrizes energéticas, porque é na produção de energia que está a concentração maior de emissões. É necessário reduzir as emissões na matriz dos transportes; precisaremos, para isso, ter veículos menos poluentes. Já existem alguns veículos híbridos, mas a grande esperança, as células de combustíveis, ainda não estão disponíveis.

O transporte aéreo é um dos setores em que as emissões mais crescem. A redução desse processo irá depender de acordos internacionais muito difíceis de obter, porque há complicadores grandes, a começar pela definição de onde serão diminuídas as emissões: nos países de origem, de destino ou nos intermediários? Essas discussões são importantes também para a emissão de gases na área industrial. A China, por exemplo, levanta a tese de que um terço das emissões dela se deve a indústrias voltadas para exportações e que a taxaço disso está no país que consome e não no que produz.

Independente do que seja decidido, nós precisamos reduzir as emissões por todos esses meios. Não podemos continuar construindo edificações, por exemplo, que não aproveitam a luz natural, que intensificam o calor, que consomem muitos materiais.

Talvez um dos setores mais difíceis de sofrer alteração será o da pecuária, com a emissão de metano. Segundo as medições feitas pela Embrapa, cada boi emite perto de 60 quilos de metano por ano, no seu processo de ruminação, arrotos e flatulências. Somente no Brasil temos 200 bilhões de bois. Isso daria mais de 10 milhões de toneladas de metano por ano. Como o metano é 23 vezes mais prejudicial do que o carbono, isso equivale a mais de 200 milhões de tone-

ladas de metano por ano, emitidas pelo rebanho bovino brasileiro. Isso é equivalente à matriz industrial e de transportes do Brasil juntas. Então questiono: o país continuará sendo esse grande exportador de carnes a custo da emissão de metano?

IHU On-Line - Em que sentido as crises mais recentes (ecológica, financeira e alimentar) propiciaram um debate sobre a economia neoliberal?

Washington Novaes - Elas precisam propiciar esse debate. Quer dizer, todos os formatos civilizatórios, seja no capitalismo ou em países que adotaram o socialismo, são inadequados. A China, que é comunista, também tem formatos altamente impróprios da mesma forma que a antiga União Soviética. Então, o clima e os padrões insustentáveis de consumo que ameaçam a sobrevivência da espécie humana mostram que estamos numa crise de padrão civilizatório. Nosso estilo de vida não é compatível com as possibilidades do nosso Planeta.

IHU On-Line - É possível pensar que, no futuro, a energia será consumida diretamente no seu local de produção? Qual a viabilidade desse projeto?

Washington Novaes - Na medida em que for feita uma reformulação na matriz energética, teremos de avançar cada vez mais para a descentralização das fontes de produção de energia e para a sua adequação. Quanto mais caminharmos nessa direção, mais teremos uma descentralização da produção e uma produção mais próxima do local de consumo. Isso é muito desejável.

A Comissão Mundial de Barragens publicou um balanço mostrando que hoje temos armazenados, em reservatórios de barragens, três vezes mais água do que a que corre pelos rios em todo o mundo. Ou seja, há uma quantidade brutal de água retida. Isso tem várias implicações, entre elas o assoreamento dos reservatórios. Com o desmatamento das margens, eles sedem, ficam erosivos e acumulam material orgânico, o que também gera emissão de gases. Então, quanto menos unidades de grande porte tiverem, maior será a possibilidade de adequação.

IHU On-Line - Quando o senhor pensa numa revolução radical, que possa mudar toda a arquitetura do nosso sistema produtivo de energia, que proposta lhe surge?

Washington Novaes - Existem vários caminhos. Podemos partir de um estudo feito pela Unicamp e pelo WWF-Brasil. A pesquisa mostra que o Brasil poderia reduzir tranquilamente em 50% a sua necessidade energética. 30% poderia ser reduzido com programas de conservação, tal como fez em 2001 com o apagão, sem nenhum prejuízo. Poderia ganhar mais 10% com a repotenciação de usinas que já estão construídas, mas que estão com seu prazo de utilização vencido. A repotenciação dessas usinas tem um custo menor do que construir novas hidrelétricas. Poderíamos ganhar mais 10% com a redução de perda das linhas de transmissão. Nós já perdemos 15% nas linhas de transmissão, enquanto o Japão perdeu 1%. Com a redução desses custos, o restante do investimento poderia ser redirecionado para a saúde e a educação.

Outro estudo mostra que, se fossem instalados painéis solares em um quarto da área do reservatório de Itaipu, seria possível produzir tanta energia quanto a Usina de Itaipu. Nesse sentido, é importante aproveitar os momentos de crise e redirecionar os formatos de produzir e consumir. É insustentável o que está acontecendo no mundo e no Brasil.

LEIA MAIS...

>> Novaes já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na página eletrônica do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Algumas entrevistas

* *A biodiversidade, grande possibilidade brasileira, e os povos indígenas.* Entrevista publicada no sítio do IHU em 28-08-2008;

* *Regras são fundamentais para a ampliação da matriz energética nacional.* Edição número 263, de 17-09-2007, intitulada *Energia para quem e para quem? A matriz energética do Brasil em debate.*

Alguns artigos

* *Que pode mudar no meio ambiente?* Publicado em 23-05-2008;

* *Desmatamento na Amazônia.* Publicado em 08-02-2008;

* *"Indústria nuclear precisa provar que é limpa, barata e segura".* Publicado em 28-09-2007.

“Ecologia é a base dos patrimônios”

Para o físico José Walter Bautista Vidal, o Brasil dispõe de recursos naturais suficientes para resolver os problemas nacionais e internacionais

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

“**A**s crises financeiras internacionais dependem dos bens naturais, e o Brasil tem um território excelente nesse sentido”, considera Bautista Vidal. Para o físico, o sol é a única fonte energética capaz de gerar outras energias renováveis e sanar os problemas ambientais do Planeta. Ele “ainda vai durar 11 bilhões de anos”, adverte. Além dessa fonte quase inacabável, aponta, o país “tem a maior produção de água doce do Planeta, que é fundamental para transformar a energia eletromagnética do sol em energia renovável: álcool, óleos vegetais etc.”. Com esses recursos e considerando o período de crise no mundo, o Brasil poderia se beneficiar com a situação, mas o Estado “está se comportando de maneira omissa, sem fazer valer as suas vantagens comparativas”, afirma. Na entrevista que segue, concedida por telefone à IHU On-Line, Bautista Vidal lamenta a má utilização dos recursos naturais brasileiros e alerta: “Se os países destroem as suas potencialidades energéticas, estão destruindo as riquezas e os bens naturais. A ecologia é dada pela natureza e precisa ser preservada. Se não preservarem, os países vão perder os bens naturais que lhes permitem ter vantagens comparativas”.

Há anos, o ex-professor da Universidade de Brasília (UnB) vem anunciando o fim da era do petróleo, mas, com a descoberta das novas reservas de pré-sal encontradas recentemente, ele argumenta que o país também pode lucrar com a energia suja. “O Brasil pode exportar petróleo e com isso angariar recursos para beneficiar-se de outras maneiras. Acredito que o Brasil está numa condição excepcional, porque tem uma grande reserva de petróleo que pode trazer lucro para a economia, além de possuir uma fonte renovável de energia”, assegura.

José Walter Bautista Vidal é engenheiro, formado em Santiago de Compostela, e pós-graduado em Física, pela Universidade de Stanford (EUA). Atuou como secretário de Estado de Ciências e Tecnologia, secretário de Tecnologia Industrial, e foi o principal implementador do Programa Nacional de Álcool. Entre seus livros, citamos *Poder dos trópicos – Meditações sobre a alienação energética na cultura brasileira* (Casa Amarela: São Paulo, 1998) e *Brasil, civilização suicida* (Nação do Sol: Brasília, 2000).

IHU On-Line - Que relações o senhor estabelece entre a crise financeira internacional e a crise ambiental em nosso Planeta?
José Walter Bautista Vidal - A crise financeira é fruto de facilidades. Instituições concederam empréstimos a pessoas que não tinham condições de pagar, o que abalou bastante a economia americana, e os bancos não conseguiram saldar as dívidas. Começou, assim, um processo de propagação de

efeitos terríveis que atingiram, entre outras coisas, o custo dos produtos e os juros, que novamente aumentaram. Tudo isso gerou conseqüências generalizadas muito negativas, e atingiu, sem dúvida alguma, um dos setores mais importantes: o de alimentos, no qual o Brasil tem uma condição excepcional, devido ao clima e à água. Mas, embora o país tenha muitas vantagens em relação aos recursos naturais, não dispõe de instrumentos para acio-

nar sua potencialidade energética. O Brasil poderia se favorecer com essa situação de crise, mas não está conseguindo, embora tenha condições climáticas excepcionais devido à grande abundância de sol, de água, e por possuir um território continental com capacidade de manter um esquema de produção de energias renováveis. O país está se comportando de maneira omissa, sem fazer valer as suas vantagens comparativas. Enquanto isso, ou-

tros países o fazem de maneira exagerada: estão comprando as nossas terras e usinas de álcool. Tudo isso representa perda de soberania, de independência, de autonomia. Então, a situação não está boa, e as conseqüências para o Brasil podem ser mais graves do que já são devido às iniciativas de controle. O Estado está deixando o estrangeiro tomar conta de tudo que é nosso.

IHU On-Line - Qual o erro estratégico do governo que o senhor apontaria, nesse sentido?

José Walter Bautista Vidal - O governo se omite, não age e não cria instrumentos. Getúlio Vargas,¹ quando era presidente da República, criou várias instituições estatais: a Petrobras, a Eletrobrás, o BNDS, a Vale do Rio Doce. Esse governo não cria nada que favoreça as condições brasileiras. Para transformar uma potencialidade em realidade, são necessários instrumentos de ação, os quais o país não tem. O Brasil está passando uma fase muito ruim, de dependência se comparada à época de Getúlio, onde estudos eram realizados, e o país tomava posições de acordo com as suas vantagens comparativas.

IHU On-Line - Como o senhor percebe

¹ Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio, o IHU promoveu o Seminário Nacional *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a exposição *Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios*, no Espaço Cultural do IHU. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista "O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista", que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26 de agosto de 2004, o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU *Idéias Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Idéias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. Vale destacar o *Caderno IHU em formação* número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no site www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

“O Brasil precisa defender uma posição mais analítica, conhecer os seus problemas e o seu povo precisa ser instruído sobre esta realidade”

a importância que o Brasil está dando para as reservas de pré-sal encontradas recentemente? Investir nesse tipo de energia no atual momento é contundente para o país?

José Walter Bautista Vidal - Pode parecer equivocado investir em energias como o petróleo, mas o fato de tê-las só favorece o Brasil. A descoberta do pré-sal não significa que vamos retornar a era do petróleo, até porque esse período já está ultrapassado, mas o país pode exportar essa energia suja e se beneficiar com ela. De qualquer modo, precisamos continuar utilizando as energias limpas como o sol, que ainda vai durar 11 bilhões de anos. Além disso, o Brasil tem a maior proporção de água doce do Planeta, que é fundamental para transformar a energia eletromagnética do sol em energia renovável: álcool, óleos vegetais etc.

IHU On-Line - Que benefícios o pré-sal pode trazer e como o país pode investir no petróleo?

José Walter Bautista Vidal - Todo mundo precisa do petróleo. O Brasil não precisa, porque existem outras fontes de energias renováveis. Com a descoberta dessas novas reservas de pré-sal, o país pode exportar petróleo e com isso angariar recursos para beneficiar-se de outras maneiras. Acredito que o Brasil está numa condição excepcional, porque tem uma grande reserva de petróleo que pode trazer lucro para a economia, além de possuir uma fonte renovável de energia. Nenhum país tem condições ecológicas iguais às que tem o Brasil. Nesse sentido, o país pode abastecer outros países que não têm reservas

de petróleo, como é o caso do Japão, da China, da Alemanha. Nós precisamos aproveitar isso, mas, também, de instituições que preparem as pessoas para defender os nossos interesses. O Brasil não está tomando a iniciativa de assumir a sua posição, de comprometer-se com a sua vocação nacional.

IHU On-Line - O senhor diz que estamos nos aproximamos do fim da era do petróleo. Então, como entender tamanha euforia em torno do pré-sal, por exemplo?

José Walter Bautista Vidal - Essa não é uma euforia definitiva, porque o petróleo é uma forma deteriorada de energia.

IHU On-Line - Que energias o senhor considera compatíveis com a nova revolução cultural e tecnológica que está se configurando em nossa sociedade?

José Walter Bautista Vidal - As revoluções dependem da natureza, e a melhor é a brasileira. O Brasil tem condições de resolver seus problemas energéticos e transformar a potencialidade energética em recursos, poder e comando. Ninguém chega perto do Brasil nessas condições.

IHU On-Line - O que deveria fazer parte de uma mudança radical na postura dos indivíduos em nossa sociedade, com relação ao consumo dos bens não renováveis?

José Walter Bautista Vidal - É fundamental entender o processo renovável, conhecer a condição brasileira de único país tropical capaz de produzir energias renováveis, e compreender que o Brasil pode ser uma grande potência.

IHU On-Line - É possível evitar uma catástrofe climática sem romper radicalmente com os métodos e a lógica econômica que reinam há séculos?

José Walter Bautista Vidal - A supervalorização do dinheiro emitido sem lastro ainda é um grave problema. Por enquanto, o dólar é a única moeda que compra petróleo. Saddam Hussein resolveu comprar petróleo com euro, e o mataram. Esse poderio militar das nações hegemônicas é um fator negativo para os nossos interesses.

IHU On-Line - Muitos economistas estão falando em desaceleração da economia. É correto dizer que o decréscimo será indispensável para a nossa sobrevivência?

José Walter Bautista Vidal - As crises financeiras internacionais dependem dos bens naturais, e o Brasil tem um território excelente nesse sentido. A desaceleração econômica é fruto da carência dos países hegemônicos que não têm energia, sol, água. Pequenas e médias produtoras de álcool representam uma potencialidade muito grande, entretanto não são utilizadas. As grandes empresas dominam o mundo, fazem valer as suas credenciais e nós perdemos o jogo enquanto elas ganham espaço e domínio.

IHU On-Line - É possível, a partir dessas crises, pensar num novo modelo de sociedade, de civilização?

José Walter Bautista Vidal - Claro, basta adotar aquilo que é abundante no país. Por exemplo, temos muita energia e precisamos utilizá-la. Ela é um bem extraordinário que nos permite arrecadar recursos, fazer grandes investimentos e se transformar numa potência energética. Isso significa que podemos ampliar as nossas ações em todas as áreas econômicas, o que gera uma nação poderosa. Não estamos caminhando nessa direção, lamentavelmente, pela ausência do Estado brasileiro.

IHU On-Line - Que sociedade o senhor vislumbra?

José Walter Bautista Vidal - Uma sociedade em que os bens naturais, que servem para ajudar os países, sejam beneficiados e que o povo conheça as vantagens comparativas do Brasil em relação a outras nações. Isso exige instrumentos adequados. Por exemplo, na

área das energias renováveis, não existe nenhuma instituição poderosa como tem em relação ao petróleo, a Petrobras.

IHU On-Line - A crise ecológica pode prejudicar ainda mais a crise financeira?

José Walter Bautista Vidal - Pode, porque a ecologia é a base dos patrimônios. Se os países destroem as suas potencialidades energéticas, estão destruindo as riquezas e os bens naturais. A ecologia é dada pela natureza e precisa ser preservada. Se não preservarem, os países irão perder os bens naturais que lhes permitem ter vantagens comparativas. O Brasil precisa defender uma posição mais analítica, conhecer os seus problemas e o seu povo precisa ser instruído sobre esta realidade. A população não sabe das vantagens competitivas do país e se comporta como se nós fôssemos um país sem condições vantajosas.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> A IHU On-Line já dedicou outros temas de capa a questões referentes a temática desta edição. Confira as revistas na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

Entrevista

- * *Lutzenberger: uma vida em favor da natureza*. Edição número 18, de 20-05-2002;
- * *Superação da miséria e da fome*. Edição número 20, de 03-06-2002;
- * *Água: bem público universal*. Edição número 22, de 17-06-2002;
- * *Conferência mundial sobre o desenvolvimento sustentável*. Edição número 26, de 15-07-2002;
- * *Cúpula Mundial sobre o desenvolvimento sustentável*. Edição número 32, de 26-08-2002;
- * *Inventar um novo mundo*. Edição número 33, de 02-09-2002;
- * *Um outro mundo é possível*. Edição número 48, de 02-01-2003;
- * *Por uma sociedade sustentável. Em memória do Pe. Clemente*. Edição número 56, de 22-04-2003;
- * *Água: bem público universal*. Edição número 60, de 19-05-2003;
- * *Água: fonte de democracia global*. Edição número 61, de 26-05-2003;
- * *Sol, vento, hidrogênio... a busca de alternativas energéticas*. Edição número 67, de 07-07-2003;
- * *Projeto Nacional de Desenvolvimento: uma possibilidade? Um contra-senso?* Edição número 77, de 29-09-2003;
- * *Economia brasileira: Entre os neoliberais e os nacionais-desenvolvimentistas*. Edição número 86, de 01-12-2003;
- * *Como salvar o planeta e a humanidade? Decréscimo ou desenvolvimento sustentável?* Edição número 100, de 10-05-2004;
- * *O automóvel. Senhor das cidades. Sedução, mobilidade e individualismo*. Edição número 106, de 21-06-2004;
- * *Economia social e consumo ético*. Edição número 115, de 13-09-2004;
- * *Na cidade sem meu carro*. Edição número 116, de 21-09-2004;
- * *Política econômica. Nada mudou! Perdemos a oportunidade histórica de mudá-la?* Edição número 125, de 29-11-2004;
- * *Terra habitável um desafio para a humanidade*. Edição número 141, de 16-05-2005.
- * *Salvar o velho Chico: uma luta que se revitaliza*. Edição número 159, de 10-10-2005;



- * *A vingança de Gaia. Mudanças climáticas e a vulnerabilidade do Planeta*. Edição número 171, de 13-03-2006;
- * *América Latina e o pós-neoliberalismo*. Edição número 180, de 15-05-2006;
- * *Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa*. Edição número 183, de 05-06-2006;
- * *Pampa. Silencioso e desconhecido*. Edição número 190, de 07-08-2006;
- * *Amazônia. Verdades e mitos*. Edição número 211, de 12-03-2007;
- * *Estamos no mesmo barco. E com enjôo. Anotações sobre o Relatório do IPCC*. Edição número 215, de 16-04-2007;
- * *Energia para quê e para quem? A matriz energética do Brasil em debate*. Edição número 236, de 17-09-2007;
- * *O Pampa e o monocultivo de eucalipto*. Edição número 247, de 10-12-2007;
- * *A crise alimentar. Por um novo modelo de produção*. Edição número 258, de 19-05-2008;
- * *Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome*. Edição número 274, de 22-09-2008;
- * *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes*. Edição número 276, de 06-10-2008;
- * *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*. Edição número 278, de 20-10-2008.

As crises ensinam muito, principalmente a prestar atenção aos sinais

Para o jornalista ambiental André Trigueiro, talvez possamos descobrir outros motivos dignos, interessantes e atraentes para viver do que apenas respirar lucro

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

“N ão basta mudar, tem que mudar rápido. E, para isso, é preciso muito dinheiro, muito financiamento, crédito, é preciso movimentar o capital na direção do mundo com menos carbono. E não apenas isso. O mundo deve estar preparado para o pior.” O alerta é do jornalista André Trigueiro, em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, ao refletir sobre as crises ecológica e financeira que assolam o Planeta. Precisamos ter, segundo ele, dois movimentos: “redução das emissões do setor de energia, petróleo, carvão e gás, manejo adequado do lixo e políticas de proteção de florestas; e uma grande política de pesquisa que revele quais os impactos inevitáveis e, em função deles, quais as providências que as autoridades devem tomar agora, porque não adianta esperar acontecer o pior para fazer o que se deve. É preciso ter responsabilidade”. Trigueiro identifica na sociedade uma dificuldade de assumir novas posturas e de “perceber que o século XXI está trazendo demandas importantes, graves, que exigem de gestores públicos, privados e do cidadão a devida atenção, porque são escolhas que precisamos fazer rápido. Estamos promovendo uma escalada de depredação dos recursos naturais que tem custado caro, estamos fazendo do Planeta um lugar hostil”.

André Trigueiro é jornalista, pós-graduado em Gestão Ambiental pela COOPE/UFRJ e professor do curso de Jornalismo Ambiental da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Na Globo News, apresenta o programa “Cidades e soluções”, tratando da questão do meio ambiente. É autor de *Mundo sustentável* (São Paulo: Globo, 2005).

IHU On-Line - Que relações o senhor estabelece entre a crise financeira internacional e a crise ambiental em nosso Planeta? Como entender que as reservas energéticas não detêm poder de barganha nas negociações financeiras?

André Trigueiro - Em primeiro lugar, a crise financeira revela um movimento não sustentável de acumulação de capital que foi gerido com a única intenção de promover maximização de lucro no menor intervalo de tempo possível. Como se sabe, isso resultou numa bolha especulativa, que acabou determinando uma crise financeira

com repercussões graves na economia global. Esse é o resumo da ópera dessa crise. Quando observo o movimento de socorro dos bancos centrais do mundo e dos governos na direção das instituições em situação precária e o esforço global para promover o crédito e o financiamento, me impressiono com o volume sem precedentes de recursos rapidamente disponibilizados para esse fim. E faço a constatação dura, vexatória, de que esse volume de recursos supera, em muito, a quantidade de dinheiro estimada pelo ex-economista chefe do banco mundial, Nicholas Stern, que sugeriu, no

relatório lançado em outubro de 2006, que o mundo destinasse 1% do PIB para inovação tecnológica e para investimentos em energia limpa e renovável. Tudo para que nós, num prazo de 30 a 40 anos, conseguíssemos reduzir, ao máximo, os efeitos mais desastrosos do aquecimento global. Stern reviu a conta e disse que deveria, na verdade, ser o dobro, ou seja, 2% do PIB global. O que vimos nas últimas semanas supera em muito essa projeção. Quando há vontade política, foco e determinação, a humanidade resolve problemas, consegue canalizar recursos na direção que lhe interessa. Por um lado, acho



Divulgação

positiva a capacidade de articulação de diferentes países tentando reduzir estragos causados pela crise financeira, mas, por outro, percebo, de forma perplexa, que um assunto que já deveria estar inspirando cuidados extremos não mobilizou com a mesma intensidade a comunidade internacional.

IHU On-Line - Quais os principais problemas socioeconômicos que o senhor aponta como consequência das mudanças climáticas?

André Trigueiro - São vários. O primeiro deles é que, se nada for feito, se continuarmos agindo de forma leniente e irresponsável na gestão desta crise climática, o cenário previsto é o de economias desvalidas, como a da época do crack de 1929 ou das duas grandes guerras mundiais, ou seja, cenário de terra arrasada. Acompanhamos uma mudança grave na fertilidade de certas áreas do Planeta, na capacidade de produzir grãos, num cenário difícil de indisponibilidade do solo para certas culturas e isso num mundo em que a população cresce (esse ano serão mais 73 milhões de pessoas). O aquecimento global entra agravando esse cenário. Outro problema é o do refugiado ambiental. Segundo a previsão do IPCC, extensas áreas do Planeta, principalmente aquelas onde a população se concentra no litoral dos países, se tornarão indisponíveis para moradia, e os países mais pobres irão sofrer as consequências mais devastadoras. Qualquer elevação de um centímetro no nível do mar significa um avanço de água salgada em grandes extensões de terra, causando outros problemas, como, por exemplo, a indisponibilidade de água doce para abastecimento, pois os mananciais ficam comprometidos. Então, temos um efeito cascata, danoso, nesse sentido.

A temperatura dos oceanos e as chuvas

Uma outra questão é que a elevação da temperatura média dos oceanos provoca a morte dos corais e isso tem um forte abalo sobre os ecossistemas marinhos. Além disso, alguns estudos indicam que certos fenômenos climáticos, como esse temporal atípico que

“O grande desafio que está colocado hoje é mudar o modelo.

Diversas coisas não são sustentáveis: a sociedade de consumo; o consumismo enquanto valor existencial; todo mundo ter um carro na garagem; manter o desperdício não apenas de energia ou de água, mas de alimentos”

castiga Santa Catarina, teriam também alguma relação com uma pequena elevação da temperatura média dos oceanos nessa época do ano. Outra consequência grave é a mudança do ciclo da chuva. Temos a dificuldade de conseguir mapear com um mínimo de precisão o comportamento da chuva. Nas áreas onde era comum chover muito no verão, não há mais essa expectativa. No Brasil, as áreas mais castigadas com a mudança radical do clima serão a Amazônia e o semi-árido nordestino. Este deixaria de ser “semi” e passaria a ser uma área desértica, árida, aumentando a dúvida sobre a pertinência de construir um sistema de transporte de água do Rio São Francisco. Isso precisa ser analisado com mais atenção. E, na Amazônia, a configuração da floresta deverá passar para uma configuração de savana.

Geleiras e aumento do nível do mar

O degelo ocorre hoje com maior velocidade do que as próprias previsões

do IPCC, surpreendendo os cientistas. Alguns cálculos estão sendo refeitos no sentido de testar a modelagem usada para previsões. O que estava previsto para acontecer mais na frente pode acontecer um pouco antes. Uma reengenharia política será necessária, e a eleição de Barack Obama sinaliza um futuro interessante nesse sentido, que é o de agirmos com maior agilidade e presteza. Não basta mudar, tem que mudar rápido. E, para isso, é preciso muito dinheiro, muito financiamento, crédito, é preciso movimentar o capital na direção do mundo com menos carbono. E não apenas isso. O mundo deve estar preparado para o pior. Não basta reduzir emissões de carbono. Devemos ter, basicamente, dois movimentos: redução das emissões do setor de energia, petróleo, carvão e gás, manejo adequado do lixo e políticas de proteção de florestas; e uma grande política de pesquisa que revele quais os impactos inevitáveis e, em função deles, quais as providências que as autoridades devem tomar agora, porque não adianta esperar acontecer o pior para fazer o que deve. É necessário ter responsabilidade.

IHU On-Line - Podemos dizer que o Brasil possui um trunfo nesse momento de crise financeira internacional em relação às suas fontes de energia renováveis/limpas? O país pode se beneficiar com ambas as crises, considerando os recursos naturais que dispõe? O senhor acredita que o Brasil deveria mudar suas estratégias?

André Trigueiro - O Brasil, sem dúvida nenhuma, é um país privilegiado no que diz respeito a fontes de energia, lembrando que, majoritariamente, as fontes são limpas. O país tem uma configuração muito interessante, única no mundo e com um bônus, que é a possibilidade de diversificar ainda mais essa matriz de forma criativa e inovadora. No entanto, o aspecto preocupante é o seguinte: num recorte dos últimos três ou quatro anos, o licenciamento de novas fontes de energia que tem predominado é extremamente sujo. É muito mais fácil licenciar pequenas termelétricas a carvão, a óleo ou a gás do que gran-

des hidrelétricas. Estamos sujando a matriz energética. Segundo ponto: o Brasil marcou um gol (além do biodiesel, do etanol e das hidrelétricas) com o Proinfa, que é um programa do governo federal de incentivo às fontes alternativas de energia. Precisamos substituir o chuveiro elétrico. Não existe outro país do mundo com tanta gente tomando banho quente com chuveiro elétrico como no Brasil. Isso é um absurdo num país solar, onde 280 dias por ano são de sol. Não devemos ficar tão agoniados para construir grandes hidrelétricas e usinas nucleares se soubermos usar o que temos.

IHU On-Line - Como entender, a partir do que o senhor acaba de dizer, tanta euforia em torno do pré-sal? Por que ainda vivemos em uma cultura tão presa ao modelo de consumo, à lógica da sociedade industrial? Como o senhor explica essa aparente contradição?

André Trigueiro - A palavra “contradição” expressa bem esse rico momento da nossa história. Esse paradoxo está colocado com muita força. O velho e o novo se digladiam. Existe uma dificuldade de assumir novas posturas e perceber que o século XXI está trazendo demandas importantes, graves, que exigem de gestores públicos, privados e do cidadão a devida atenção, porque são escolhas que precisamos fazer rápido. Estamos promovendo uma escalada de depredação dos recursos naturais que tem custado caro, estamos fazendo do Planeta um lugar hostil. Nosso modelo de desenvolvimento foi descrito há 16 anos na Rio 92, nos seguintes termos: “O modelo de desenvolvimento é ecologicamente predatório, socialmente perverso e politicamente injusto”. É esse modelo que precisamos denunciar e para o qual precisamos sinalizar alternativas. Diversas coisas não são sustentáveis: a sociedade de consumo; o consumismo enquanto valor existencial; todo mundo ter um carro na garagem; manter o desperdício não apenas de energia ou de água, mas de alimentos. Nosso estilo de vida é perdulário, não temos noção do limite. Não respeitamos porque não conhecemos a capacidade de suporte do Planeta.

“Se existe um lado positivo desta crise, é que ela talvez possa ensinar alguns de nós que é possível viver bem com menos”

Continuamos achando que ele tem tudo o que precisamos para sempre. O grande desafio é promovermos uma mudança de cultura. No entanto, não se muda isso por decreto. Há que se ter um tempo de decantação, com escolas, universidades, ONGs, igrejas, movimentos sociais, uma nova geração de gestores públicos, de empresários. Há um tempo em que haverá um descolamento gradual e progressivo de uma visão ultrapassada do que deva ser a ciência econômica, da necessidade dos países crescerem com metas de crescimento de PIB. Precisamos de desenvolvimento e isso se mede também pela qualidade de vida das pessoas, o que não se alcança onde há depredação dos recursos naturais na escala em que vemos. Mudar não é um capricho: é a condição para continuarmos existindo.

IHU On-Line - Então, é correto falar em desaceleração da economia e que o decrescimento será indispensável para a nossa sobrevivência?

André Trigueiro - Se existe um lado positivo desta crise, é que ela talvez possa ensinar alguns de nós que é possível viver bem com menos; eu diria até que é necessário menos para viver melhor e que talvez possamos descobrir outros motivos dignos, interessantes e atraentes para viver do que apenas respirar lucro. As crises ensinam muito, principalmente a prestar atenção aos sinais.

IHU On-Line - Então, com as crises, é

possível pensar em outra economia, outro estilo de vida, uma outra civilização? E que modelo de energia o senhor sugere para essa outra sociedade ideal?

André Trigueiro - É evidente que o modelo de energia ideal seja aquele que determina a emissão zero de carbono, mas não se alcança isso rápido. Há um período de transição, precisamos considerar, que pode levar 10, 20, 30 anos. Ainda precisamos e dependemos muito de petróleo, carvão e gás. Mas o modelo ideal é o da energia limpa e renovável, com muita pesquisa na direção da inovação tecnológica, buscando no hidrogênio, na energia geotérmica, na energia das ondas do mar, do sol, do vento, da biomassa, como podemos diversificar ao máximo a matriz e consumir de forma inteligente. Não adianta sofisticar ou limpar a matriz energética se as pessoas não mudam os hábitos de consumo. Quando falamos de inclusão social, falamos de inserir as pessoas num mundo onde há dignidade na sociedade, num estilo de vida onde se possa dispor de uma casa, de educação, saúde, lazer, transporte adequado. Se quisermos promover inclusão social, teremos uma demanda muito grande de matéria prima energética. É importante lembrar que, hoje, 20% da humanidade consome 80% dos recursos. Essa conta não fecha se a elite do mundo não repensar hábitos de consumo. Mesmo ganhando bem, não precisamos gastar tudo nas compras. E não se promove essa guinada sem educação.

LEIA MAIS

>> Confira outras entrevistas concedidas por André Trigueiro. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevistas:

* “Estamos imersos em um modelo suicida de desenvolvimento”, publicada na IHU On-Line número 171, de 13-03-2006, intitulada *A vingança de Gaia. Mudanças climáticas e a vulnerabilidade do Planeta*.

* Fontes sujas compõem a matriz energética brasileira, publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU em 05-12-2007.

O consumo excessivo e injusto é intrínseco à lógica capitalista

A nova onda de agrocombustíveis industriais é uma das piores ameaças ao ambiente e aos camponeses ou pequenos agricultores, considera Silvia Ribeiro

POR GRAZIELA WOLFART

Na opinião da pesquisadora Silvia Ribeiro, desde trinta anos atrás, as empresas Monsanto, Dupont, Syngenta, Basf, Bayer, Dow, Cargill, Bunge, Louis Dreyfus e ADM “conseguiram que se fizessem políticas nacionais e internacionais em seu favor para expandir a agricultura industrial e química, somente para obter lucros controlando o mercado de sementes, insumos e distribuição, criando dependência e pobreza”. E continua: “São causadoras de um percentual muito alto das crises ambientais, climáticas e alimentares. Porém, todas tiveram lucros recordes graças às crises (de 40% a 110% a mais do que em anos anteriores). Ganham em todos os cenários, porque podem manipular os preços e a oferta de grãos, seja para a alimentação ou para os agrocombustíveis”. Na entrevista exclusiva que aceitou conceder por e-mail para a IHU On-Line, Silvia afirma que, “na maioria dos casos, os agrocombustíveis têm uma equação energética negativa: usam mais combustíveis fósseis para sua produção e processamento do que os que dizem que vão substituir. Ou seja, pioraram o aquecimento global. Além disso, em todos os casos competem com a produção alimentar, seja pelo próprio cultivo, ou pela disputa por água e por terra”. No entanto, para ela, a solução “não virá nunca a partir de cima, mas somente será possível pela organização e a luta a partir das bases da sociedade”.

Silvia Ribeiro é pesquisadora e coordenadora de programas do Grupo ETC, com sede no México, grupo de pesquisa sobre novas tecnologias e comunidades rurais. Ela tem ampla bagagem como jornalista e ativista ambiental no Uruguai, Brasil e Suécia. Silvia também produziu uma série de artigos sobre transgênicos, novas tecnologias, concentração empresarial, propriedade intelectual, indígenas e direitos dos agricultores, que têm sido publicados em países latino-americanos, europeus e norte-americanos, em revistas e jornais, bem como vários capítulos de livros. Ela é membro da comissão editorial da Revista Latino-Americana *Biodiversidad, sustento y culturas*, e do jornal espanhol *Ecología Política*, entre outros.



IHU On-Line - Como a produção de transgênicos contribui para a crise ambiental e também para o caos econômico? Existe alguma relação nesse sentido?

Silvia Ribeiro - O cultivo de transgênicos é um dos maiores mitos da indústria agrícola: desde o início de seu desenvolvimento na década de 1980, prometiam que terminariam com a fome no mundo e seriam benéficos para o meio ambiente ao usar menos produtos químicos, porém nada disso se cumpre na realidade. Eles começaram a ser co-

mercializados em 1996, nos Estados Unidos. Porém, há mais de uma década, as próprias estatísticas do Departamento de Agricultura daquele país e estudos recentes das universidades de Kansas e Nebraska mostram que o rendimento é menor ou igual ao das sementes híbridas, porém a semente é mais cara, motivo pelo qual o produtor tem uma margem de lucro menor. Também usam um volume muito maior de agrotóxicos, em parte pelo fato de que mais de 80% dos transgênicos são manipulados para resistir a herbicidas

e em parte porque o resto, os chamados cultivos Bt,¹ são manipulados para serem cultivos inseticidas. No entanto, geram resistência nas pragas que querem combater e, em pouco tempo,

¹ As plantas Bt foram desenvolvidas a partir da introdução de genes de uma bactéria do solo chamada *Bacillus thuringiensis* (por isso o nome “Bt”), que produz proteínas inseticidas. Assim, ao se alimentarem das plantas Bt, os insetos morreriam. No entanto, pode ocorrer resistência nos insetos-praga, o surgimento de novas pragas e a perda de eficácia da planta Bt, que acaba por não reduzir, ou até aumentar a quantidade de agrotóxico usada. (Nota da IHU On-Line)

necessitam mais agrotóxicos, cada vez mais fortes. Isso tem fortes impactos sobre os cursos d'água, provoca a degradação dos solos (ao eliminar microorganismos e cobertura vegetal que lhe dão fertilidade naturalmente), a biodiversidade etc.

Concentração corporativa

Além disso, a produção de transgênicos agrícolas é o paradigma de concentração corporativa mais extremo da história da agricultura. Somente seis empresas controlam todo o mercado mundial e uma só, a Monsanto, retém 88% do mercado mundial. As três maiores empresas de transgênicos – Monsanto, Syngenta, Dupont – são também as que têm a maior porcentagem do mercado de sementes comerciais em geral (não só transgênicas): juntas, controlam quase a metade (47%) do mercado mundial de sementes sob propriedade intelectual. As mesmas empresas, proprietárias da maior parte das sementes híbridas (que têm maior rendimento do que os transgênicos), só querem vender transgênicos porque estão patenteados. Isso lhes permite um aumento de controle sobre os produtores, por converter num delito o direito dos agricultores a guardarem parte de sua própria colheita para usá-la como semente na próxima semeadura. Complementarmente, a contaminação transgênica, inevitável ao estar em campo aberto – principalmente em cultivos de polinização aberta como o milho – significa, para eles, que as vítimas da contaminação devam pagar-lhes por “uso indevido” de seus genes patenteados. No caso dos híbridos, embora alguns estejam patenteados, não podem rastrear a “contaminação” porque os genes existem naturalmente nas plantas, diferente dos transgênicos, que contaminam com genes de outras espécies.

Transgênicos: um golpe à soberania alimentar

Em suma: os transgênicos significam maior contaminação ambiental e um aumento da agricultura industrial das transnacionais, que avançam às custas do deslocamento de outras formas de

agricultura (camponesa, familiar) e/ou sobre áreas de grande biodiversidade. São um golpe à soberania alimentar e avançam na destruição de formas de agricultura que são a resposta real às crises alimentares e climáticas. Monsanto, Dupont, Syngenta, Basf, Bayer, Dow, que são as multinacionais que controlam os transgênicos e os agrotóxicos no mundo, estão ligadas ao oligopólio dos que controlam a compra e distribuição de cereais: Cargill, Bunge, Louis Dreyfus, ADM. Todas estas empresas, que, desde trinta anos atrás, conseguiram que se fizessem políticas nacionais e internacionais em seu favor para expandir a agricultura industrial e química, somente para obter lucros controlando o mercado de sementes, insumos e distribuição, criando dependência e pobreza, são causadoras de um percentual muito alto das crises ambientais, climáticas e alimentares.

“Os transgênicos significam maior contaminação ambiental e um aumento da agricultura industrial das transnacionais”

Porém, todas tiveram lucros recordes graças às crises (de 40% a 110% a mais do que em anos anteriores). Ganham em todos os cenários, porque podem manipular os preços e a oferta de grãos, seja para a alimentação ou para os agrocombustíveis.

IHU On-Line - Como podemos entender que as novas tecnologias focalizam em novas formas de prejudicar o meio ambiente e de produzir cada vez mais riqueza para os mais ricos?

Silvia Ribeiro - O principal objetivo é o segundo. A destruição ambiental é uma “externalidade” que eles transferem a toda a sociedade, mas através da qual também pretendem obter novos lucros. A inovação tecno-

lógica sempre foi um motor básico do capitalismo para obter ganhos extraordinários diante dos competidores. Nesta lógica, não se trata de inovar para beneficiar a sociedade, mas para aumentar os lucros dos inversores. No caso dos transgênicos, como quase todas as empresas de sementes foram compradas por empresas fabricantes de produtos químicos nas últimas décadas, a “inovação” focou no aumento da dependência com os agroquímicos e na eliminação das possibilidades de os agricultores terem suas próprias sementes. Embora as sementes sejam um mercado pequeno no contexto geral das indústrias alimentares, elas são a chave de toda a rede alimentar e, ademais, ninguém pode viver sem comer e assim isso é um elemento-chave para obter o controle.

IHU On-Line - Os agrocombustíveis são uma solução ambiental amigável?

Silvia Ribeiro - A nova onda de agrocombustíveis industriais é uma das piores ameaças ao ambiente e aos camponeses ou pequenos agricultores. Segundo o informe Stern, do governo do Reino Unido, sobre a alteração climática, a agricultura industrial é responsável em 14% pelas emissões de gases de efeito estufa e em 18% pela mudança do uso do solo (pela ampliação da fronteira agrícola e pelo desmatamento, entre outros fatores). Os combustíveis agroindustriais promovem o aumento destes fatores, grandes causadores da alteração climática. Como demonstraram numerosos estudos (inclusive de instituições como o Banco Mundial e a Organisation for Economic Co-operation and Development-OECD), na maioria dos casos, os agrocombustíveis têm uma equação energética negativa: usam mais combustíveis fósseis para sua produção e processamento do que os que dizem que vão substituir. Ou seja, pioraram o aquecimento global. Além disso, em todos os casos competem com a produção alimentar, seja pelo próprio cultivo, ou pela disputa por água e por terra. Em outros casos, avançam sobre áreas naturais de grande diversidade, as quais também são fatores de grande importância para frear a alteração climática. E, como supostamente não

são visados para uso alimentar, usam uma quantidade muito maior de agrotóxicos. Recebem, além disso, enormes subsídios econômicos dos governos do Norte, e enormes subsídios em mão-de-obra barata ou semi-escrava no Sul.

IHU On-Line - Qual a influência dos agrocombustíveis no preço dos alimentos e na crise financeira internacional? Qual sua opinião sobre o forte investimento dos fundos financeiros especulativos na produção de agrocombustíveis?

Silvia Ribeiro - Segundo um informe do Banco Mundial, elaborado em abril de 2008 (que era secreto, mas foi revelado pelo jornal *The Guardian* em 04-07-2008), a produção dos agrocombustíveis é responsável em até 75% pelo aumento do preço dos alimentos. Segundo este informe, houve três fatores primários que, em efeito dominó, provocaram essa elevação de preços e a mantêm. Primeiro: os grãos para a produção de combustíveis foram desviados da produção alimentar. Um terço da produção de milho nos Estados Unidos é usado para o etanol em lugar dos alimentos. A Europa está utilizando a metade dos óleos vegetais que produz ou importa para produzir biodiesel. Segundo: o estímulo aos agricultores para que dediquem mais terra aos agrocombustíveis, às custas da terra dedicada a produzir alimentos. Terceiro: a produção dos agrocombustíveis abriu um excelente terreno para o forte investimento dos fundos financeiros especulativos, causando mais aumento de preços. Os fundos especulativos (*hedge funds*) saíram do setor imobiliário em crise nos Estados Unidos e entraram agressivamente na compra de estoques presentes e futuros de grãos, puxando a elevação dos preços como parte das apostas financeiras. Mais de 60% das reservas e da produção futura de milho, trigo e soja foram comprados por este tipo de fundos, com a intenção de vendê-los, seja para combustíveis ou para alimentos, segundo o preço mais alto do mercado. Mesmo agora, na débacle da crise financeira, conservam um papel importante nestes setores, embora tenham começado a vender parte de suas inversões.

“É preciso questionar radicalmente a matriz do uso energético em todos os seus aspectos, a qual é profundamente injusta do ponto de vista social”

Porém, o anúncio de Barack Obama de que vai apoiar todas as fontes de energia que signifiquem menor dependência do petróleo lhes assegura que poderão continuar lucrando com este setor. Ao invés de inverter em capital produtivo, a função dos fundos especulativos afiançados durante o apogeu do neoliberalismo é fazer mais dinheiro a partir de dinheiro. Neste sentido, são fundos perversos em si mesmos, são diretamente criminosos ao apoderar-se do setor agrícola e alimentar, do qual todos dependemos.

IHU On-Line - Que relação a senhora estabelece entre os agrocombustíveis e as mudanças climáticas? Quais os principais riscos ao meio ambiente provocados pela produção de combustíveis?

Silvia Ribeiro - Como expliquei, os combustíveis agroindustriais pioraram a alteração climática, além de promover muitos outros efeitos negativos sobre a soberania alimentar, a biodiversidade, a contaminação de solos e água, o desmatamento de florestas e outros ecossistemas naturais. Segundo os dados do informe Stern, a agricultura industrial e a mudança do uso dos solos são fatores muito maiores de mudança climática do que o transporte, que causa uns 14%. Os combustíveis agroindustriais propõem aumentar todos estes fatores, dizendo que serão uma “solução”. Estabelecem, além disso, novos riscos ambientais e econô-

micos a partir das chamadas segundas e terceiras gerações de agrocombustíveis. As empresas estão tratando de tirar vantagem de seus competidores a partir do uso de novas tecnologias para a produção de agrocombustíveis, teoricamente para torná-los mais eficientes e menos dependentes do petróleo. Para isso, impulsionam agressivamente novos transgênicos que tolerem ainda mais aditivos químicos ou os tornam mais fáceis de serem processados para etanol e biodiesel.

Alguns exemplos

Cargill e Monsanto formaram a empresa Renessen para produzir soja e milho transgênicos para agrocombustíveis, e Monsanto e Basf investiram 1500 milhões de dólares para desenvolver novos transgênicos em soja, milho, canola e algodão, fundamentalmente para agrocombustíveis. Syngenta trabalha com institutos de investigação e com grandes produtores brasileiros para desenvolver cana-de-açúcar e beterraba transgênicas. Monsanto e Dow anunciaram uma variedade de milho resistente a oito herbicidas mais o gene Bt. Também se pretende acelerar a produção de combustíveis a partir de celulose, o que até agora não é possível devido à sua baixíssima eficiência energética. Para isso, a proposta é usar micróbios manipulados a partir da biologia sintética, isto é, com genes artificiais construídos em laboratório, ou inclusive microorganismos vivos totalmente artificiais que acelerem o processamento de combustíveis. Isto se soma aos impactos dos transgênicos os novos riscos de formas de vida artificiais, das quais não se pode prever que impacto terão se chegarem a liberar-se intencional ou acidentalmente na natureza.

Biologia sintética e vida artificial

Há toda uma série de novas empresas de biologia sintética (por exemplo, Amyris Biotechnology, Athenix, Codexis, LS9, Mascoma, Metabolix, Verenum, Synthetic Genomics), que, associadas a grandes petrolíferas (Shell, BP, Marathon Oil, Chevron) e a ADM, Cargill, Bunge, Louis Dreyfuss, Mon-

santo, Syngenta, Dupont, Dow, Basf, entre outras, tentam criar uma nova plataforma econômica e tecnológica usando vida artificial construída em laboratório. Amyris Biotechnology firmou contratos com Crystalsev e com Votorantim para este tipo de desenvolvimentos a partir de cana-de-açúcar e outros cultivos, inclusive árvores. A maioria destes investimentos dirige-se à criação de agrocombustíveis, criando toda uma série de novos impactos ambientais. A demanda de terras para estes novos desenvolvimentos (extensões ainda maiores de monoculturas de soja, milho, cana-de-açúcar, mamona, eucalipto) compete diretamente com a produção alimentar e de pequena escala e promove maior especulação com a terra.

IHU On-Line - O que fazer para acabar com o apoio às próximas gerações de agrocombustíveis e combater essa cultura em nossa sociedade?

Silvia Ribeiro - Outro efeito perverso dos combustíveis agroindustriais é que não combatem as causas dos problemas; antes as pioram. Não questionam a matriz do uso da energia, porém pretendem manter o atual consumo e aumentá-lo. Para começar, é preciso questionar radicalmente a matriz do uso energético em todos os seus aspectos, a qual é profundamente injusta do ponto de vista social. Esta crítica implica, por exemplo, questionar e mudar o uso de combustíveis fósseis e derivados na agricultura e nos transportes, questionar o crescimento urbano selvagem, e eliminar os transportes usados para centralizar a produção agrícola.

IHU On-Line - Que combustível alternativo a senhora sugere como ideal?

Silvia Ribeiro - Há muitas alternativas energéticas baseadas no uso de fontes renováveis, mas, quando são aplicadas em escala massiva e com altas tecnologias, também favorecem fundamentalmente as transnacionais e mantêm a injustiça social. Por isso, devem ser alternativas locais, descentralizadas e em mãos de comunidades, e necessariamente serão muito diferentes segundo as condições de cada localidade e região. A alternativa em agricultura

e alimentação é a soberania alimentar, baseada na produção agrícola local e de pequena escala, camponesa, diversa e descentralizada. Isto, por si, implica uma mudança radical no uso de energia, eliminando o uso de derivados do petróleo, transportes desnecessários e a necessidade de produzir mais diversidade e de não ameaçar, mas trabalhar em harmonia com os ecossistemas naturais. Esta é uma solução fundamental para atender a alteração climática, além de se basear na justiça social. Tudo isto não virá nunca a partir de cima, mas somente será possível pela organização e a luta a partir das bases da sociedade.

IHU On-Line - Como a senhora avalia a América Latina nesse cenário? Ela não poderia investir mais nos recursos naturais e renováveis de que dispõe e se unir enquanto bloco, nesse sentido, para ter mais poder nas negociações internacionais econômicas e políticas?

Silvia Ribeiro - A América Latina, considerando o fato de sofrer séculos de despojamento e exploração, tem recursos naturais e povos camponeses, indígenas, movimentos sociais urbanos e rurais que têm o conhecimento e a sabedoria para reconstruir sociedades justas e ecologicamente sustentáveis. Alguns governos do continente estão desenvolvendo políticas diferentes das dominantes, porém somente a luta e pressão das organizações sociais a partir das bases podem conduzir às mudanças profundas de que necessitamos.

IHU On-Line - Como entender a lógica perversa da sociedade de consumo atual que justifica a falta de preocupação ambiental?

Silvia Ribeiro - A lógica de consumo excessivo e, ao mesmo tempo, injusto (a terça parte da América Latina está sob a linha de pobreza e outro tanto consome apenas o necessário), é intrínseca à lógica capitalista. A devastação do meio ambiente, embora seja uma “externalidade” do sistema, também se inclui perfeitamente nessa lógica. O capitalismo necessita destruir permanentemente para criar escassez e, desta forma, manter os preços e abrir novas oportunidades de negócios.

IHU On-Line - Qual o papel dos movimentos sociais para a transformação cultural tão necessária para a salvação do planeta?

Silvia Ribeiro - Os movimentos sociais que questionam o sistema, junto às organizações de povos indígenas, afrodescendentes, comunidades camponesas, de pescadores artesanais e outras, são muito mais do que importantes: são fundamentais para realizar as mudanças radicais econômicas, sociais, políticas e ecológicas que são necessárias para “salvar o planeta”. Qualquer outra forma de reformismo ecológico, capitalismo verde etc., no melhor dos casos, se constitui em pequenos atos paliativos que não levam às causas profundas das crises planetárias.

IHU On-Line - A senhora imagina uma total substituição do petróleo pelos agrocombustíveis, com o predomínio de fontes de energia limpas/renováveis?

Silvia Ribeiro - Segundo informes da Agência Internacional de Energia, para 2030, todos os investimentos em agrocombustíveis e outras formas de energia industrial não baseadas em petróleo apenas cobririam 9% da demanda energética global (com enormes impactos sociais e ambientais adicionais). Estes informes não levam em conta os investimentos em biologia sintética e a chamada nova economia pós-petrolífera do açúcar, que lamentavelmente continua progredindo, as quais poderiam modificar em algo esta porcentagem, porém não atingiriam “o grosso” da dependência dos combustíveis fósseis. Isso significa que o único caminho realmente viável é o questionamento radical da matriz de uso de energia e, portanto, do capitalismo que a criou e sustenta. Em nenhum cenário a base de energia em nível global devem ser os agrocombustíveis, porque implicariam um uso desmedido da terra, da água etc. Creio que se trata de pensar e construir (ou reconstruir e afirmar) o controle e a decisão comunitária, local e diversa de uso dos recursos, incluindo as fontes de energia, que necessariamente devem ser distintas, de acordo com as diversas condições geoclimáticas, culturais etc.

“A humanidade deverá começar a pensar seriamente seu modelo de consumo”

Para o professor argentino Walter Pengue, a crise financeira é algo menor, comparada com a crise ambiental, que nos põe à beira de uma catástrofe ambiental sem precedentes

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

Em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line desta semana, o professor Walter Pengue declara que “a crise financeira internacional, que se tornou visível nos últimos meses de 2008, tem posto novamente de joelhos uma parte do mundo econômico financeiro global, e destacado, mais uma vez, as enormes falhas que a abordagem parcial de um problema complexo, deixado nas mãos de poucos e somado a mais extrema ganância, pode gerar sobre centenas de milhões de pessoas”. Para ele, que relaciona as crises ecológica e financeira, “assim como hoje em dia se deixou crescer uma nova bolha imobiliária apoiada em algarismos financeiros insustentáveis, inclusive nos termos econômicos de mercado, da mesma forma, se mantém um culto à possibilidade da exploração da natureza, como se tal situação não tivesse nenhum limite”. E dispara: “Pouco ou nada tem se feito para ajudar a resolver os sérios problemas dos pequenos e médios agricultores de todo o mundo. Por que agora o fariam com a questão energética?”.

Diretor do Programa de Atualização em Economia Ecológica, Walter Pengue é professor das áreas de Ecologia Urbana e Economia Ecológica da Universidade Nacional de General Sarmiento. Engenheiro Agrônomo (com especialização em genética vegetal) e mestre em Políticas Ambientais e Territoriais, Pengue é doutor em Agroecologia. É também professor de graduação e pós-graduação em Economia Ecológica, Ecologia Política e Agroecologia tanto nas universidades nacionais de Buenos Aires, General Sarmiento e Rosário, como estrangeiras. É membro do Conselho Científico da Sociedade Internacional de Economia Ecológica (ISEE) e atual presidente (2008-2010) da Sociedade Argentino-Uruguaia de Economia Ecológica (ASAUUE). É autor de três livros sobre questões ambientais, dentre os quais citamos o último, *La apropiación y el saqueo de la naturaleza. Conflictos ecológicos distributivos en la Argentina del bicentenario* (Buenos Aires: Lugar Editorial, 2008), que acaba de ser publicado.

IHU On-Line - Tendo em conta as três últimas crises mundiais (financeira, alimentar e climática), quais mudanças de comportamento são necessárias urgentemente no planeta? É possível, a partir deste caos, pensarmos em um novo modelo de sociedade?

Walter Pengue - Sim, com certeza é possível, necessário, obrigatório. A crise financeira é algo menor, comparada com a crise ambiental, que nos põe

à beira de uma catástrofe ambiental sem precedentes. É claro que isto não tem apenas caráter antrópico, mas segue ciclos. No entanto, por acaso, é neste ciclo de “ameaças pendentes” que nós estamos. A crise financeira internacional, que se tornou visível nos últimos meses de 2008, tem posto novamente de joelhos uma parte do mundo econômico financeiro global, e destacado, mais uma vez, as enor-



Divulgação

mes falhas que a abordagem parcial de um problema complexo, deixado nas mãos de poucos e somado à mais extrema ganância, pode gerar sobre centenas de milhões de pessoas. Um sistema financeiro que sempre funcionou bem, mas hoje em dia se encontra desconectado de sua própria realidade econômica. Essa bolha econômica financeira cresce e estoura, recorrentemente, visto que está sempre desco-

nectada da realidade, a qual afeta de distintas maneiras. A desconexão do mundo financeiro de sua realidade de sustentação mostrava já preocupantes sinais de alerta quando as cifras de circulação financeira superavam em dez vezes o próprio PIB mundial e que logo permitiram chegar aos números atuais, onde a desproporção é de 50 vezes. O aparato financeiro é feito para estimular a produção de bens e serviços, daí que uma circulação financeira da mesma ordem do PIB mundial seria suficiente, alertava o matemático Max Dickmann da Universidade de Paris VII. Mas o sistema se multiplicou louca e descontroladamente. Se a massa disponível se mede em unidades monetárias, esta circulação de 50 vezes o PIB global nos mostra que 98% do sistema é um grande motor financeiro internacional. Temos aqui uma primeira aproximação da tremenda desvinculação que há entre os atores dos mercados financeiros, econômicos e dos recursos naturais. Do ponto de vista da estabilidade, o grave é que esses 98% do motor financeiro circulam a uma velocidade infinita, como a da luz, enquanto que a produção de bens e serviços, os 2% restante, ao contrário, caminham a passos de tartaruga, apesar dos avanços tecnológicos.

IHU On-Line - Que modelos de energia estão em consonância com a atual realidade social, ecológica e econômica do Planeta?

Walter Pengue - Do ponto de vista atual, é claro que seguimos o caminho de uma civilização “com petróleo”, com todas as implicações que isso envolve. No aspecto macro, ninguém está pensando em alternativas sérias, mas em medidas conjunturais, que respondem a demandas também conjunturais, como os agrocombustíveis e afins, sempre com custos ambientais crescentes. Se o problema do sustentável passa somente por uma questão de custos, é preciso pensar em outros caminhos, como o hidrogênio, as fontes renováveis, os biocombustíveis da segunda geração e uma questão mais do que importante: a humanidade deverá começar a pensar seriamente seu modelo de consumo. Nestes tempos, não tem triunfado nem o capita-

lismo nem o comunismo. O principal ganhador é o consumismo, a ameaça mais grave sobre os recursos naturais da terra. O gigantismo econômico e financeiro desta nova ordem global se percebe atualmente na crise econômica, mas a sua expansão se encontra em todas as partes do mundo econômico, na mudança de escalas, que superam a humana, não só no mundo do capital, mas também no mundo global empresarial (cuja voracidade não tem limites), no crescimento expansivo dos grupos corporativos, em suas formas de apropriação do mundo, das pessoas e da sua natureza.

O reconhecimento da dimensão humana

O caminho da mudança para a melhoria da vida na terra não passa pela economia nesta escala, mas pelo reconhecimento da dimensão humana neste mundo. E. F. Schumacher¹ levantava claramente essas idéias quando, em 1973, escrevia seu artigo “O pequeno é lindo”, no qual colocava ênfase no conceito de capital natural e sublinhava a economia alternativa baseada em uma escala humana, descentralizada e sustentada em tecnologias próprias, ideais que inspiraram gerações de ambientalistas. A contradição entre o capitalismo e a sustentabilidade e estabilidade planetária, tem sido defendida por autores como Joel Kovel,² em seu livro *The enemy of nature. The end of capitalism or the end of the world?* (O inimigo da natureza. O fim do capitalismo ou o fim do mundo?), de 2002, que alerta sobre as mesmas questões. Apesar de todas as realizações, e dos exemplos sustentados nas idéias de Schumacher em todo o mundo, o gigantismo econômico, na mão da globalização financeira e econômica,³ continua primando nas mentes e corações dos economistas e de quem, lamentavelmente, continua escutando-os. Assim como hoje em dia se deixou crescer uma nova bolha imobiliária apoiada em algarismos fi-

nanceiros insustentáveis, inclusive nos termos econômicos de mercado, da mesma forma, se mantém um culto à possibilidade da exploração da natureza, como se tal situação não tivesse nenhum limite. Façamos um breve exercício de história.

IHU On-Line - Que novas alternativas de energia são necessárias neste momento?

Walter Pengue - Primeiro, como eu já disse, é preciso pensar na redução das demandas e do consumo. Que difícil, não? Mas é assim. A demanda energética interfere sobre todas as outras demandas de recursos naturais, então, isto é o mais grave. Também as energias solar, eólica, das ondas do mar, geotérmica, biológica, são caminhos viáveis, além do fortalecimento da eficiência dos sistemas de co-geração, sem falar das redes locais de controle energético integradas. Se as demandas aumentam, o que você preferirá? Ter luz para seu consumo imediato e para andar em sua casa, ou luz só para a TV, o computador, ou demandas supérfluas? Alguém deve controlar estas questões.

IHU On-Line - O que é a economia ecológica? De que forma ela pode ajudar a resolver os problemas atuais da humanidade?

Walter Pengue - A economia ecológica é concebida como uma disciplina científica de gestão da sustentabilidade, aquela que vem integrar as sérias e complexas demandas entre a sociedade e a natureza. É, atualmente, o que foi a ecologia para a compreensão dos sistemas ecológicos durante os anos 1950, dado que transpassa a visão unidisciplinar, para converter-se em uma análise transdisciplinar. Pode definir-se como a ciência da gestão da sustentabilidade e, como tal, estuda as interações entre a sociedade e a natureza. A economia ecológica adota a teoria dos sistemas para a compreensão dos fenômenos ecológicos e os integra aos estudos dos limites físicos e biológicos devidos ao crescimento econômico. Estuda as sociedades como organismos vivos que têm funções, como as de captação da energia, utilização dos recursos e energia da natureza e eli-

¹ E. F. Schumacher (1911-1977): economista inglês. (Nota da IHU On-Line)

² Joel Kovel (1936): político e eco-socialista americano. (Nota da IHU On-Line)

³ Pero no de las personas ni de su libre circulación en el mundo. (Nota do entrevistado)

minação de seus resíduos (metabolismo social). Surpreendentemente, os precursores intelectuais da disciplina não eram economistas, mas físicos, químicos, biólogos, urbanistas, ecólogos como Carnot, Clausius, Pfaundler, Geddes,⁴ Podolinsky,⁵ Popper-Lynbeus, Soddy,⁶ Lotka Odum. De fato, suas teorias foram desestimadas pelos economistas convencionais, como aconteceu, por exemplo, com os escritos de Podolinsky rejeitados por Engels e indiretamente por Marx.⁷

IHU On-Line - Como os países do Terceiro Mundo, no caso da América Latina, podem evitar outras consequências da crise financeira internacional diante da abundância de seus recursos naturais e renováveis? O senhor acredita que deve haver uma mudança de estratégia por parte dos governos?

Walter Pengue - “Viver com o nosso”, afirma o economista argentino Aldo Ferrer⁸ e a questão deveria radicar nisso, não apenas por motivos econômicos, mas por questões de eficiência ecológica e defesa social do trabalho. O desenvolvimento regional deveria ser a premissa dos governos da Améri-

4 Patrick Geddes, nació en Escocia en 1954, estudió biología en Londres y luego se dedicó al urbanismo: Su obra, *Ciudades en evolución*, 1915, fue uno de sus trabajos más reconocidos. (Nota do entrevistado)

5 Sergei Podolinsky, nació en Ucrania en 1850 y falleció en 1891. Su artículo *El trabajo del ser humano y su relación con la distribución de la energía* pudo haber sido llamado a cambiar la historia económica, si hubiera contado con la atención adecuada de los economistas de La época. (Nota do entrevistado)

6 Frederic Soddy (1877-1956) estudió en Oxford, donde fue profesor de Química. Por sus trabajos en radioactividad obtuvo el Premio Nobel de Química en 1921. Desde los albores de su carrera científica hurgó en las relaciones entre el crecimiento económico y la disponibilidad de energía, insistiendo en la diferencia entre la economía real y La economía monetaria. En 1922, *Hendersons*, Londres publicó su conferencia *Economía Cartesiana*. La influencia de la ciencia física en La administración del Estado. Luego publicado también por Joan Martínez Alier en su libro *Los principios de la Economía Ecológica*, Fundación Argentina. (Nota do entrevistado)

7 Sin embargo, son varios los autores que sostiene que detrás Del legado de Marx, existe hoy día, lo que podríamos llamar un ?marxismo ecológico? (Altvater, E, Valdés, C, OConnor, J y otros). (Nota do entrevistado)

8 Aldo Ferrer (1927): economista político argentino, foi ministro da Província de Buenos Aires de 1958 a 1960. (Nota da IHU On-Line)

ca Latina, e não só pensar nos mercados de exportação, que são pão para hoje e muita fome para amanhã.

IHU On-Line - Qual é a sua percepção em relação ao descobrimento de novos poços de petróleo no Brasil? Num momento em que o mundo exige mudanças para resolver os problemas do clima, a posição brasileira tem sentido?

Walter Pengue - O menor sentido. É uma visão do “progressismo” dos anos 1950, com um “revival” de século XXI. No entanto, se, por um lado, estamos pensando em uma diminuição do consumo global, e em novas alternativas para os usos e as fontes energéticas, precisamos nos lembrar que o país ain-

“O caminho da mudança para a melhoria da vida na terra, não passa pela economia nesta escala, mas pelo reconhecimento da dimensão humana neste mundo”

da depende, além disso, dos custos do valor do petróleo no mercado internacional, com semelhantes investimentos. Creio que haveria que se pensar mais em médio prazo, apontar para alternativas energéticas e ter em mente novas alternativas para as disponíveis atualmente.

IHU On-Line - É possível encontrar uma alternativa para as três crises na agricultura?

Walter Pengue - Divido a agricultura global em três modelos: o primeiro é o da agricultura industrial, que abastece cerca de 1.800 milhões de seres humanos, e se apoiou na agricultura de exportação,

de insumos, dos transgênicos e afins. Esta agricultura está chegando ou chegou a seu ápice produtivo. Continuará crescendo, mas somente a custos cada vez mais altos para o ambiente e para a sociedade. Ou seja, é uma agricultura de “externalidades”. Uma “externalidade” é um custo não incluído nas contas de uma empresa, ou de um país, ou de uma região. O conceito tem atingido particularmente a discussão ambiental e social (em geral identificado como danos), quando estes são valores geralmente não incluídos. A externalidade pode ter dois sentidos e ser, então, positiva ou negativa. Será este último caso quando inclui estes danos, e positiva quando gera benefícios não considerados *a priori* (por exemplo, a polinização das abelhas instaladas nos apiários em áreas próximas a um campo de produção de girassol).

Revolução Verde e agricultura familiar

A segunda é a agricultura da Revolução Verde, que as mesmas indústrias contaminantes, com baixo controle em países em vias de desenvolvimento, expandem seu modelo de uso intensivo de agroquímicos, fertilizantes e energia. Esta agricultura continua se expandindo na África e na Ásia. Abastece outros dois milhões de pessoas, e também está em seu limite produtivo. O terceiro é o modelo da agricultura familiar, agroecológico, campesino, que sustenta mais de 2.200 milhões de pessoas. Essas pessoas ainda não ouviram falar de “crise”. São auto-suficientes em alimentos, e não dependem dos mercados de exportação. A eles deveria se direcionar, ao contrário do que acontece hoje, uma boa parte dos fundos para pesquisa em agricultura e desenvolvimento rural. Por quê? Simples: porque esta agricultura tem oportunidades de, com pouco apoio tecnológico dedicado à pequena agricultura, poder triplicar os alimentos do mundo.

IHU On-Line - Como a Argentina tem se ocupado destas crises internacionais? Em que densidade o país tem enfrentado estes problemas?

Walter Pengue - Como a Argentina, logo depois da hecatombe de 2001, foi “isolada à força” do mercado finan-

ceiro internacional, esta crise não lhe impactou ainda diretamente. Mas, de fato, a queda nos custos das *commodities*, das quais o país depende, afeta alguns setores, como o agrícola. Neste caso, os agricultores que dependem do mercado internacional de preços, e enfrentam os brutais aumentos das empresas de agroquímicos e fertilizantes, somado às taxas que o governo lhes cobra pela exportação (que não são taxas ambientais lamentavelmente), serão fortemente afetados. O mesmo acontece com os outros setores da economia que dependem do exterior. O mercado interno e local, a economia local, está funcionando bem, sem problemas.

IHU On-Line - O senhor acredita que a bioenergia pode substituir o petróleo? Qual é o grande desafio nesse momento para conciliar a produção de energia limpa, a alimentação e a economia estável?

Walter Pengue - Prefiro que se pense em outras fontes. Não se compete somente por alimentos. Deve-se pensar que uma das principais disputas é pela terra, e esta é escassa e, além disso, a cada ano de pior qualidade. Até que não aprendamos a produzir muito mais em cidades, em espaços hoje fechados, mas tecnologicamente possíveis, como o mar, pensar nos biocombustíveis será discutível como fonte que não compete com os alimentos. Creio que sim, é possível, por outro lado, aproveitar muito mais eficientemente para a produção energética os resíduos das cidades, das indústrias que manejam matéria orgânica, e ali sim há uma interessante oportunidade de produção de energia e de fertilizantes naturais.

IHU On-Line - O senhor disse que a agricultura industrial quer converter o campo em algo diferente. O que seria esse algo diferente?

Walter Pengue - Sim, quer converter em uma indústria. E esta indústria não será limpa, mas contaminante, nos níveis de produção e exploração dos recursos que leva esse modelo agrícola intensivo. Não devemos esquecer, ainda que alguns o tenham feito, que

fazer agricultura é manejar “com” a natureza, e não “sobre” ou às custas dela.

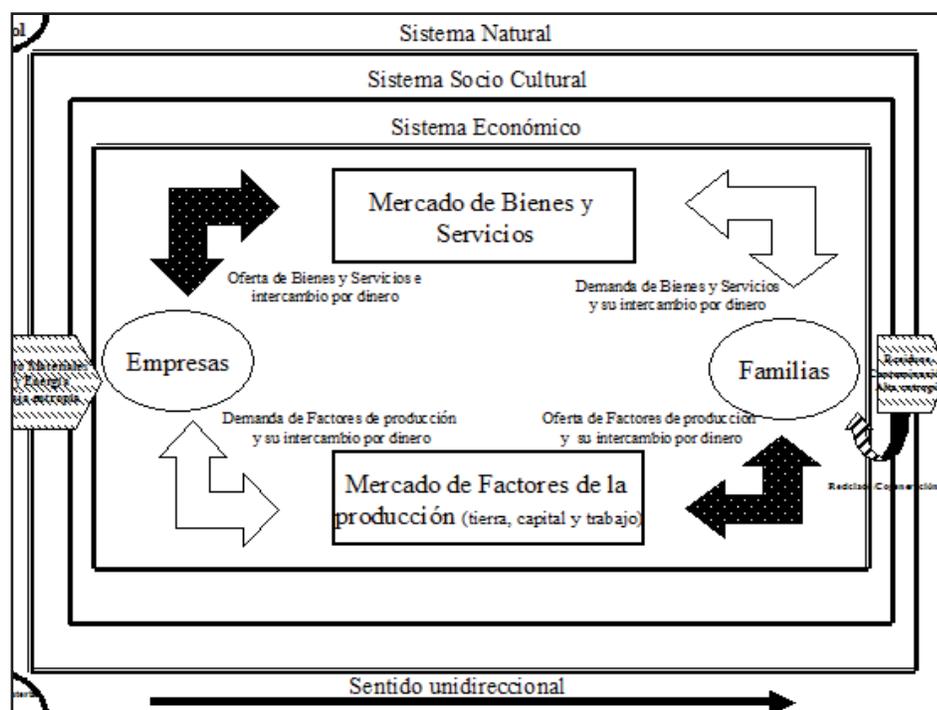
IHU On-Line - O senhor afirma que estamos vivendo hoje em dia dois ciclos: um ciclo dos materiais e outro das fontes de energia. Um deles é um ciclo fechado e outro é um ciclo aberto. O senhor pode explicar esta teoria?

Walter Pengue - Esta é a visão da economia ecológica. Enquanto a economia convencional vê o sistema econômico como um sistema fechado, a economia ecológica o apresenta como deve ser, como um sistema aberto, onde a energia flui de um lugar a outro. A economia ecológica diferencia claramente e marca a incongruência entre o ritmo de tempo diferente entre a dimensão econômica e a biogeoquímica terrestre. Diferente do sistema econômico convencional, que vê a economia como um fluxo circular de bens e dinheiro, a economia ecológica vem para revisar com firmeza estas suposições e propõe um fluxo unidirecional de energia, cuja fonte original é o sol (que é o pilar que dá funcionamento à roda econômica) até

uma conversão final em energia não reutilizável. (Ver gráfico abaixo)

IHU On-Line - Em que sentido a biotecnologia pode ser útil e estimulante para pensarmos um novo modelo de agricultura e de energia?

Walter Pengue - No terreno das promessas, a manipulação genética deixa muitas possibilidades de resolver problemas graves da humanidade. Lamentavelmente, passados mais de 10 anos da primeira liberação massiva de transgênicos, as indústrias biotecnológicas e, hoje, do setor energético têm se focado somente em desenvolvimentos tecnológicos, que serviram apenas para a produção de plantas resistentes a herbicidas (para aumentar mais as vendas de agroquímicos). Pouco ou nada tem se feito para ajudar a resolver os sérios problemas dos pequenos e médios agricultores de todo o mundo. Por que agora o fariam com a questão energética? Hoje, a crise global talvez diminua um pouco as tensões, mas, igualmente, aqui é muito mais importante o papel dos estados que o das companhias, que somente apontam a um enriquecimento, que pode ser lícito, mas que talvez não seja tão justo.



O funcionamento do circuito sob a esfera da Economia Ecológica. Fluxo unidirecional da energia. Fonte do Diagrama: Pengue, 2008.

Interconexão entre as crises

Para Eric Toussaint, presidente do Comitê pelo Cancelamento da Dívida do Terceiro Mundo (CADTM) da Bélgica, a interligação entre as crises financeiras, climática e alimentar é evidente. Segundo ele, todas fazem parte de um processo ainda maior: o esgotamento do capitalismo

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

“É preciso realizar uma ruptura radical”, diz Eric Toussaint, ao comentar as soluções para resolver as crises mundiais, em entrevista exclusiva à IHU On-Line, concedida por telefone, na última semana. Para ele, chegou o momento da humanidade romper com o capitalismo, mas antes disso, explica, é preciso tomar uma série de medidas imediatas. Na área das finanças, adverte, “é preciso restabelecer um controle muito rígido sobre o movimento de capitais”, e estatizar alguns bancos que estão à beira da falência. Sobre os alimentos, ele argumenta que é necessário “proibir a especulação no mercado de produtos alimentares, reduzir radicalmente a produção de agrocombustíveis”, além de retomar as práticas agrícolas através da intensificação da agricultura familiar.

Outro setor que necessita de mudanças urgentes é o energético. Num período de constantes crises ambientais, “é preciso garantir a segurança e a soberania energética utilizando ao máximo os recursos naturais e renováveis”. Nesse sentido, Toussaint aponta o potencial da América Latina e é enfático em relação à posição dos governos latino-americanos: “É preciso dar prioridade a isso e abandonar as centrais térmicas. Além disso, países como o Brasil e a Argentina devem abandonar o modelo de energia nuclear”. E aconselha: “Os governos da América do Sul precisam abandonar o modelo capitalista produtivista, e nas outras áreas da atividade econômica reduzir ao máximo as despesas, por exemplo, de grandes infra-estruturas”.

Toussaint é doutor em Ciências Políticas, pela Universidade de Liège, França. É autor de *As finanças contra os povos* (CADTM: Paris, 2004).



Divulgação

IHU On-Line - Como entender que as crises financeira, alimentar e climática estejam tão interligadas, uma influenciando a outra?

Eric Toussaint - É muito claro que há uma interconexão entre as crises financeira, alimentar e climática. A interconexão está ligada ao modo de produção que domina o Planeta hoje, ou seja, ao sistema capitalista. A busca do lucro privado máximo provocou nos últimos tempos uma evolução que resultou principalmente na crise financeira e na crise alimentar. A crise climática é resultado de uma evolução mais longa do capitalismo.

A crise financeira, por sua vez, é re-

sultado do desregulamento do sistema bancário privado nos Estados Unidos e nas outras partes do Planeta, e também do desregulamento em nível de movimento de capitais. Há 20 anos, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e outras instituições, assim como o governo dos países mais industrializados, cresceram, pois todos os controles que existiam durante décadas sobre o movimento de capitais foram suprimidos. Para países como o Brasil e outros emergentes, são os planos justamente estruturais recomendados pelo Banco Mundial e o Fundo Monetário que resultaram no abandono do movimento de capitais.

Há com isso, um desregulamento financeiro generalizado, o que permitiu às instituições bancárias privadas e a outras instituições financeiras criarem novos produtos financeiros que fogem a todas as regras. E essa lista é bastante longa. Pode-se tomar, por exemplo, o crédito de “funds swap”, que consistem nestes seguros contra risco de falta de pagamento da dívida. Esses créditos representam o valor que é garantido, ou seja, mais de 50 bilhões de dólares. Trata-se de uma quantidade absolutamente enorme que é garantida por produtos financeiros que ninguém controla. E há outras criações de produtos financeiros que chamamos de CDO etc.

Estou falando rapidamente sobre este assunto. E simplesmente saliento que a partir do ano passado estas montagens financeiras, complexas, não regulamentadas, entraram em crise.

Crises financeira e econômica geram declínio da economia

O segundo elemento da crise é a crise econômica. Não há somente uma crise financeira; há uma crise econômica que começou no setor imobiliário nos Estados Unidos, onde houve uma superprodução de imóveis. Assim, há uma crise financeira, ou seja, uma crise da dívida privada, e uma crise econômica que, ao se misturar à crise financeira, produz agora uma crise econômica que atinge a todos os setores. Os mais atingidos são os setores da produção de automóveis, da metalurgia em geral, o qual reduz a demanda global que produz agora o declínio econômico no setor de matérias-primas. Há uma queda muito forte no preço da matéria-prima desde o mês de setembro de 2008.

Busca a qualquer preço pelo lucro gera fome e desequilíbrio no Planeta

A crise alimentar está ligada à crise financeira. Por quê? Porque uma série de grandes investidores financeiros, como o Fundo de Pensões, o Banco de Investimentos, o Banco de Negócios, os bancos comerciais, as companhias de seguros começaram a investir capitais no mercado de produtos alimentares. Os principais mercados de produtos alimentares são os de Chicago, de Minneapolis e de Kansas City, nos Estados Unidos. Grandes sociedades financeiras especularam sobre o preço de produtos alimentares, notadamente os cereais. E isto está ligado ao desregulamento financeiro. Mas a crise alimentar foi causada por outros fatores: pela crise climática e pelo aumento da produção de agrocombustível, também conhecido como biocombustível. Isto vem, sobretudo, de uma mudança importante ocorrida a partir de 2005 nos países da América do Norte e Europa Ocidental. As grandes sociedades de agronegócios que produzem biocombustíveis convenceram

o governo de Washington, a comissão européia e os governos dos países da Europa Ocidental a subvencionarem a produção de biocombustíveis. É preciso saber que, nos países do norte, os biocombustíveis não são rentáveis, salvo se há uma subvenção do Estado. E o agronegócio pediu subvenções do Estado para que uma parte da produção alimentar fosse dirigida à produção de biocombustíveis. Então, com esse desvio, provocou-se uma redução da oferta de produtos alimentares, o que gerou um aumento muito forte no preço dos alimentos.

Sob o pretexto de combater a crise climática, o agronegócio convenceu o governo do norte a subvencionar a produção de biocombustíveis, argumentando que com isso reduziria a

“O agronegócio pediu subvenções do Estado para que uma parte da produção alimentar fosse dirigida à produção de biocombustíveis”

produção de gás carbônico. Mas, analisando este pretexto e alternando as subvenções, aumentou-se o preço dos alimentos e se provocou a crise alimentar. É preciso acrescentar que muitos cientistas consideram a produção de biocombustíveis responsável pela liberação e a produção de uma quantidade importante de gás carbônico. Então, não é uma energia tão limpa quanto se afirma. Transforma-se alimentos em combustíveis, pois se tornou rentável desviar a produção alimentar para fazer biocombustíveis.

Como analisei recentemente no artigo “Retour sur les causes de la crise alimentaire mondiale” (“Retorno sobre as causas da crise alimentar mundial”), é preciso dizer que a pro-

dução de biocombustíveis no Brasil, feita a partir da cana-de-açúcar, não é a responsável direta pelo aumento do preço dos alimentos, uma vez que ela não é um alimento direto nem é como os cereais. Entretanto, a produção desses biocombustíveis tem um péssimo efeito sobre o meio ambiente e sobre o clima, porque gera monocultura e conduz ao desmatamento. Além do mais, a produção de biocombustíveis se faz através da exploração da mão-de-obra. Os cortadores de cana-de-açúcar fazem parte de um setor agrícola de trabalhadores que são explorados, mal pagos, enfrentam condições de trabalho absolutamente escandalosas, detestáveis.

IHU On-Line - O que fazer para resolver essas crises? Por que o senhor afirma que a conjugação destas crises mostra aos povos a necessidade de se libertarem da sociedade capitalista e do seu modelo produtivo?

Eric Toussaint - Penso que seja preciso realizar uma ruptura radical. A partir do momento em que se constata que a crise está ligada ao sistema capitalista, é preciso romper com o capitalismo. É claro que isso implica uma mudança revolucionária, mas antes de se chegar à revolução é preciso tomar uma série de medidas imediatas. Na área de finanças, é preciso restabelecer um controle muito rígido sobre o movimento de capitais e um controle sobre as operações de trocas de moeda. É preciso tomar o controle pelo poder público do setor bancário e nacionalizar os bancos que estão à beira da falência. Quando se nacionaliza estes bancos, é preciso recuperar o custo da operação da nacionalização, descontando a soma do salvamento bancário do patrimônio dos acionários e dos grandes administradores das sociedades financeiras. Na área alimentar, precisamos proibir a especulação no mercado de produtos alimentares, reduzir radicalmente a produção de agrocombustíveis, ou, em todo o caso, a produção feita a partir de alimentos. Pode-se imaginar uma produção de agrocombustíveis, mas no quadro da agricultura familiar, rural, orgânica, e não uma produção em grandes indústrias. É preciso retornar a uma política

de soberania alimentar e, para isso, precisamos de reformas agrárias. É preciso, evidentemente reduzir — se se quer combater a crise climática — radicalmente a produção de gás carbônico. Os países do norte devem fazer um esforço mais radical, pois há uma dívida climática ou ecológica que foi acumulada por eles no curso dos dois últimos séculos, desde o princípio da Revolução Industrial.

IHU On-Line - Qual é a importância, neste momento de crise, de discutir novos modelos energéticos?

Eric Toussaint - Essa discussão é fundamental. É preciso reduzir radicalmente a produção de gás carbônico. Radicalmente quer dizer reduzir a 80%, nos países do norte e 25% nos países do sul. Então, é preciso um novo modelo energético para utilizar doravante energias renováveis que emitam o mínimo de gás carbônico.

IHU On-Line - Como os países do Terceiro Mundo, no caso da América Latina, podem evitar maiores consequências da crise financeira internacional utilizando a abundância de seus recursos naturais e renováveis? O senhor acha que deveria haver uma mudança de estratégia por parte dos governos?

Eric Toussaint - É preciso garantir a segurança e a soberania energética utilizando ao máximo os recursos naturais e renováveis. Então, a América Latina tem uma capacidade e um potencial enormes nesse sentido. É preciso dar prioridade a isso e abandonar as centrais térmicas. Além disso, países como o Brasil e a Argentina devem abandonar o modelo de energia nuclear. A Venezuela também quer produzir energia nuclear, mas deve abandonar esta perspectiva.

Os governos da América do Sul precisam abandonar o modelo capitalista produtivista, e nas outras áreas da atividade econômica reduzir ao máximo as despesas, por exemplo, de grandes infra-estruturas. Sou muito crítico ao projeto Iniciativa pela Integração da Infra-estrutura Regional Sul-americana (IIRSA), lançado por Fernando Henrique Cardoso, e que

visa dotar a América Latina de grandes infra-estruturas — destruidoras do meio-ambiente —, e de grandes consumidoras de energias e de materiais. Há muito a ser melhorado na comunicação entre os países da América Latina. Por isso, os governos deveriam investir em trilhos de trem ao invés de estradas.

IHU On-Line - Qual a importância, neste momento, de lutar pela anulação da dívida dos países do Terceiro Mundo? As chances aumentam ou diminuem?

Eric Toussaint - Está nascendo uma nova crise da dívida, a qual os países da América Latina estão confrontados. A crise da dívida é produzida por dois fenômenos: a baixa das re-

“Assistimos à crise do sistema capitalista. Não é simplesmente a crise da versão neoliberal do capitalismo. É uma crise muito mais profunda”

ceitas de exportação, devido à baixa do preço das matérias-primas que a América Latina exporta para o mercado mundial, e o aumento do custo do crédito nestes últimos meses por causa da crise bancária nos países do norte. Os banqueiros do norte não querem emprestar dinheiro aos países do sul, então eles exigem uma remuneração mais elevada. Configura-se, assim, uma nova crise da dívida. Se quisermos afrontar esta situação, é preciso multiplicar as auditorias da dívida em todos os países da América Latina, identificar as dívidas ilegítimas e suspender o pagamento delas. Hoje isso é mais necessário do que nunca.

IHU On-Line - Na nova configuração social, marcada pela revolução cultural e tecnológica (suponha um desprendimento da sociedade industrial), qual o papel dos pequenos produtores (no caso da agricultura)?

Eric Toussaint - Este papel é primordial. Ele é fundamental no novo modelo de sociedade que deve romper com o capitalismo produtivista. A agricultura familiar orgânica deve constituir a atividade principal para produzir alimentos de qualidade, garantindo a soberania alimentar dos povos. Isso é válido para todos os países. É preciso uma grande reforma agrária e um apoio dos governos aos pequenos produtores.

IHU On-Line - Com essa junção de crises, como fica a imagem do capitalismo e do neoliberalismo? O senhor vislumbra uma mudança de parâmetros nesse sentido? Estamos chegando ao fim da era neoliberal?

Eric Toussaint - Assistimos à crise do sistema capitalista. Não é simplesmente a crise da versão neoliberal do capitalismo, mas uma crise muito mais profunda. Claro que o capitalismo não irá morrer por si mesmo. Ele desaparecerá pela ação consciente dos povos. É preciso, então, uma ação decisiva e consciente da sociedade para colocar fim a este sistema e substituí-lo por um modelo socialista e democrático. Estamos no final da era neoliberal, caminhando em direção ao socialismo do século XXI.

IHU On-Line - É possível pensar que no futuro a energia será produzida e consumida no mesmo local? Qual a viabilidade desse projeto?

Eric Toussaint - Sim. Penso que em muitos lugares do Planeta isso é perfeitamente possível. É claro que haverá sempre a necessidade de deslocar uma parte da energia. Ou seja, será preciso distribuir a energia por um sistema de distribuição elétrica, por exemplo. Mas poderá se produzir o máximo de energia renovável no local. É preciso substituir as grandes barragens por um sistema muito mais leve e inteligente de barragem.

“A crise atual certamente representa o fim do neoliberalismo, mas não necessariamente o fim do capitalismo”

Elmar Altvater alerta para o fato de que a computação dos danos na natureza em valores monetários despertou a atenção para a crise climática

POR GRAZIELA WOLFART

Para o economista e cientista político alemão Elmar Altvater, “são consideráveis as diferenças entre crise financeira, crise energética e climática e a fome. Isto porque na crise financeira só se perdem valores monetários, e estas perdas, em princípio, são reversíveis. Já na crise climática, cometem-se danos irreversíveis contra a natureza, os quais mudam radicalmente as condições de vida das pessoas”. Em entrevista exclusiva à **IHU On-Line**, concedida por e-mail, ele defende que não se trata de voltar a épocas pré-capitalistas e pré-industriais, mas de “criar sistemas energéticos moderníssimos e de alta eficiência. Só que estes exigem uma mudança nas estruturas de espaço e tempo, além de outros modelos de mobilidade, de produção e consumo, diferentes dos que estamos acostumados. Difícilmente se pode conceber que a mobilidade individual com o automóvel possa ser praticada por toda a eternidade”. Altvater é professor de Ciência Política na Universidade Livre de Berlim. É autor de um número significativo de livros e artigos, em que estuda a evolução do capitalismo, a teoria do Estado, a política de desenvolvimento, a crise do endividamento e as relações entre economia e ecologia. Entre seus livros publicados em português, citamos *O preço da riqueza. Pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial* (São Paulo: Unesp, 1995).



Divulgação

IHU On-Line - Por que a crise financeira parece mais importante que a crise climática? Como entender que, mesmo com o aumento da temperatura do Ártico e com a diminuição das geleiras, as pessoas só sabem falar da crise econômica? A mídia tem responsabilidade nisso?

Elmar Altvater - Até poucos meses atrás, a crise climática ocupava o centro das atenções de todos. Somente após o colapso de Lehmann Brothers, em setembro de 2008, é que a crise financeira tornou-se o assunto principal. Entrementes, sabemos que os custos da crise financeira serão iguais aos custos do colapso climático, isto é, cerca de 20% do produto social global. Estes são os números que constam

no relatório de Nicholas Stern sobre os custos da mudança climática, e isto é o que escreve o banco central europeu sobre os custos potenciais da crise financeira. Em muitos lugares do mundo, entretanto, são consideráveis as diferenças entre crise financeira, crise energética e climática e a fome. Isto porque na crise financeira só se perdem valores monetários, e estas perdas, em princípio, são reversíveis. Já na crise climática, cometem-se danos irreversíveis contra a natureza, os quais mudam radicalmente as condições de vida das pessoas. A computação dos danos na natureza em valores monetários é o que despertou a atenção para a crise climática. Por isso que o relatório

de Nicholas Stern recebeu tanta atenção mundo afora.

IHU On-Line - Como entender a interligação das crises financeira e climática? Como elas se relacionam entre si e com a crise dos alimentos no mundo? Como o momento atual nos ajuda a entender a relação entre economia e ecologia?

Elmar Altvater - Com efeito, as crises energética, climática e financeira não são independentes uma da outra. Portanto, estamos nos deparando com uma crise do sistema. A crise financeira jamais teria eclodido se os superávits da economia real tivessem bastado para cobrir as obrigações financeiras. Mas, para tanto, o crescimento da economia real precisaria ter sido ainda

maior do que de fato foi o caso. Ora, o crescimento depende do suprimento de energia; se esta fica mais cara, isto tem conseqüências para o crescimento e para a capacidade de serviço da dívida. Pretendia-se combater a crise climática com “instrumentos de mercado”, com o comércio de emissões (créditos de carbono). Ou seja, queriam colocar os mercados financeiros a serviço da política climática. Isto sempre foi uma idéia maluca; e a crise financeira mostra que ela nem é viável.

IHU On-Line - O senhor acredita que chegamos ao fim do capitalismo e do neoliberalismo? Com a crise do meio ambiente e a atual crise financeira, que outro modelo podemos imaginar para ocupar o lugar da sociedade de consumo?

Elmar Altvater - Chegamos ao fim do capitalismo que conhecemos, não ao fim do capitalismo em si. A crise atual certamente representa o fim do neoliberalismo, mas não necessariamente o fim do capitalismo. Pode até acontecer que, na crise, o capitalismo se renove. Tanto Karl Marx¹ quanto Josef A. Schumpeter² mostraram as razões disso. Crises têm efeito destrutivo, ao mesmo tempo em que, ao longo delas, o sistema se renova. Antonio Gramsci³ chamou isso

1 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU. A palestra *A utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Profa. Dra. Leda Maria Paulani, em 23-06-2005. O número 41 dos *Cadernos IHU* Ideias teve como tema *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo da mesma professora. Confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*. (Nota da *IHU On-Line*)

2 Joseph Alois Schumpeter (1883 -1950): economista austriaco, entusiasta da integração da Sociologia como uma forma de entendimento de suas teorias econômicas. Seu pensamento esteve em debate no I *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU em 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

3 Antonio Gramsci (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, subs-

de capacidade para transformações na sociedade, na tecnologia, na política e nas estruturas econômicas (“transformismo”) e constatou que, nas crises, a hegemonia pode se reestabilizar. Acontece, porém, que a crise atual é uma crise sistêmica. Isto implica que as transformações não podem limitar-se à superfície. Mas é difícil dizer em que direção elas apontam. É que a direção é determinada por medidas sociais, parte de muitas partes interessadas e ocorre em muitas regiões. Por isso só se pode dizer de forma muito genérica em que direção irão as transformações sociais. Ou o capitalismo pós-neoliberal se torna uma sociedade muito autoritária, com imposição de poder imperial em âmbito global, ou se

“Queriam colocar os mercados financeiros a serviço da política climática. Isto sempre foi uma idéia maluca; e a crise financeira mostra que ela nem é viável”

cria um capitalismo descentralizado, com redes regionais em forma de cooperativas. Um capitalismo autoritário muito provavelmente também é um capitalismo beligerante. Acontece que a imposição autoritária do poder depende de fontes de energia fósseis, as quais, em primeiro lugar, são escassas, de modo que ficam inevitáveis conflitos pelas últimas jazidas de óleo e gás. Em segundo lugar,

tituiu o conceito da ditadura do proletariado pela “hegemonia” do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição número 231 da *IHU On-Line*, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*. (Nota da *IHU On-Line*)

o uso das fontes de energia fósseis tem por conseqüência o efeito estufa, que já poderia lançar o mundo num caos de crise ambiental com muitos refugiados ambientais já nas próximas décadas. Por isso, o capitalismo descentralizado e desglobalizado seria a variante mais amigável e humana.

IHU On-Line - Que fontes de energia e que tipo de combustível o senhor indicaria para uma sociedade nova, da nova revolução tecnológica e cultural, livre do modelo industrial? Por que o senhor acredita que a única saída para a humanidade é o uso de energias renováveis?

Elmar Altvater - Essa variante humana do capitalismo só pode ser implementada em se reformando o sistema energético, passando do fóssil para um sistema renovável. Entre as energias renováveis, estão a eólica, a hidráulica, a térmica, a radiação solar direta e, naturalmente, a biomassa. Será necessário usar todas as fontes de energia solar, porque as fósseis estão acabando, além de sua combustão ser altamente prejudicial para o clima. Portanto, será preciso voltar para o regime solar de energia, que os seres humanos usaram ao longo de toda a sua história. Hoje, evidentemente, usando tecnologia moderna, podemos usar as energias solares de forma muito mais intensiva e cômoda do que era possível no passado. Não se trata de voltar a épocas pré-capitalistas e pré-industriais, mas de criar sistemas energéticos moderníssimos e de alta eficiência. Só que estes exigem uma mudança nas estruturas de espaço e tempo, além de outros modelos de mobilidade, de produção e consumo, diferentes dos que estamos acostumados. Dificilmente se pode conceber que a mobilidade individual com o automóvel possa ser praticada por toda a eternidade.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre o etanol?

Elmar Altvater - Como combustível, o etanol concorre com o petróleo enquanto este ainda estiver disponível. O preço do combustível é ditado pelo preço do petróleo. Subindo o preço do petróleo, o etanol se torna competitivo;

caindo o preço do petróleo, o etanol perde competitividade. Esse sobe-e-desce caracteriza o mercado de combustíveis de um modo geral, o etanol mais especificamente desde o Proálcool, em 1975. Outro problema é a concorrência no uso do solo. A mesma área usada para produzir combustíveis poderia ser usada para produzir alimentos. Essa concorrência pode exacerbar-se em violentos conflitos sociais, se não houver alimento suficiente pelo motivo de a terra ser usada para produzir combustível. A biomassa pode ser usada como combustível, mas isto precisa ser feito com cuidado. É preciso evitar a manutenção da automobilidade às custas do aumento do número de famintos no mundo.

IHU On-Line - Como o incentivo às fontes de energia renováveis e limpas se contrapõe com a energia nuclear? Qual sua opinião sobre o acordo Brasil-Alemanha? (O vice-ministro da Economia alemão, Bernd Pfaffenbach, disse que o país preservou o acordo nuclear com o Brasil, assinado em 1975, por interesse do governo brasileiro. Mas nele foi incluído um acordo para energia sustentável e aumento da eficiência energética, que prevê também a cooperação na área de biocombustíveis.)

Elmar Altvater - A energia atômica não tem futuro, mas pode destruir o futuro da humanidade. Em primeiro lugar, também o urânio é uma fonte limitada e finita de energia, a não ser que a energia nuclear seja produzida em reatores rápidos. Essa tecnologia não está disponível hoje, sendo perigosíssima. É como se quiséssemos instalar o reator de fusão que é o sol na Terra, e não a uma distância segura de 200 milhões de quilômetros.⁴ Em segundo lugar, não está resolvida a questão do lixo atômico. Mandá-lo para onde? Até hoje ninguém conseguiu

4 O reator rápido (*Schneller Brüter, Fast Breeder Reactor*) não é um reator de fusão; os dois se baseiam em princípios totalmente diferentes de produção de energia nuclear e apresentam periculosidade de origem bem distinta. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Reator_nuclear. Além disso, aumentou-se em 37% a distância entre sol e Terra, que é de 146 milhões km; <http://www.fis.unb.br/plasmas/aula1.pdf>. (Nota do tradutor)

apresentar uma resposta convincente e digna de crédito. Em terceiro, não há como negar o risco de proliferação. A Agência Internacional de Energia presume que nos próximos 20 anos, anualmente, sejam ligados à rede 20-30 reatores atômicos em todo o mundo. Se considerarmos apenas os conflitos criados pelo reator no Irã, podemos imaginar os conflitos que estão pintando no futuro, caso se construam 1200 novos reatores mundo afora. Estas são apenas alguma das objeções a fazer contra a energia atômica como alternativa; também se poderia apontar para os possíveis acidentes. As objeções são sérias o suficiente para se abandonar a perspectiva nuclear.

IHU On-Line - Para revertermos o aquecimento global, o que faria parte de uma mudança radical na produção econômica e no estilo de vida moderno? Como o senhor vê a proposta do decrescimento?

Elmar Altvater - Não se deve esquecer que até o início da era industrial a humanidade não conhecia crescimento. Aumentos de produtividade eram insignificantes, sendo geralmente impedidos para evitar as concomitantes mudanças sociais. Crescimento, portanto, só existe desde inícios do século XIX. Também não havia teoria do crescimento. O tema de Adam Smith⁵ era o aumento do bem-estar das nações, não o crescimento. David Ricardo⁶

5 Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. A *riqueza das nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. A professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith* durante o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à IHU On-Line número 133, de 21-03-2005. Ainda sobre Smith, confira a edição número 35 do *Cadernos IHU Idéias*, de 21-07-2005, intitulado *Adam Smith: filósofo e economista*, escrito por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

6 David Ricardo (1772 - 1823): economista inglês, considerado um dos principais representantes da economia política clássica. Exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas neoclássicos, como sobre os economistas marxistas, o que revela sua importância para o desenvolvimento da ciência econômica. Os temas presentes em suas obras incluem a

análise da questão da distribuição, não do crescimento. John Stuart Mill⁷ até se voltou explicitamente contra o crescimento, pleiteando, ao invés, a contemplação. Karl Marx analisou as contradições do acúmulo de capital, mas não perguntou pelas fontes do crescimento. Somente no século XX é que o crescimento veio à baila, principalmente em consequência da concorrência, após o surgimento da União Soviética e do campo socialista. De uma hora para a outra, o êxito de sistemas econômicos passou a ser medido pelas taxas de crescimento. Esse tempo está chegando ao fim, porque a aceleração econômica só foi possível com ajuda das fontes fósseis de energia. Quando estas estiverem acabando e, em função da política climática, tornar-se-á necessária a redução do consumo de petróleo, o crescimento não mais poderá ser sustentado como no passado; isto sem levar em conta trivialidades econômicas que unanimemente indicam que o crescimento eterno é uma idéia absurda, mesmo que ela seja defendida por muitos economistas. Portanto, é necessária uma desaceleração, queiramos ou não. Isto exige uma mudança do regime de tempo e espaço, ou seja, também uma mudança do estilo de vida, dos padrões de produção, dos hábitos de consumo. Isto é de difícil implementação. Por isso, precisamos nos preparar para prazos longos. A questão é se temos tempo suficiente para realizar as mudanças sociais com o suficiente cuidado para se evitar graves conflitos ao máximo. A discussão sobre desaceleração e regionalização, ou seja, sobre desglobalização, muitíssimas vezes sofre do mal de ser encarada como readequação tecnológica, e não como processo social que envolve milhões e bilhões de pessoas.

teoria do valor-trabalho, a teoria da distribuição (as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional, temas monetários. A sua teoria das vantagens comparativas constitui a base essencial da teoria do comércio internacional. (Nota da IHU On-Line)

7 John Stuart Mill (1806-1873): filósofo e economista inglês. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, foi defensor do utilitarismo. (Nota da IHU On-Line)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Teologia Pública

Thomas Merton e Ernesto Cardenal: dois precursores da espiritualidade da libertação latino-americana

Getulio Bertelli fala sobre a importância de Thomas Merton após os 40 anos de sua morte e lembra-se dos dois amores dele: o amor a Deus e à causa dos pobres

POR GRAZIELA WOLFART

“**E**m sua famosa auto-biografia (*A montanha dos sete patamares*), Thomas Merton apresentou ao mundo valores descobertos no escondimento da solitude monástica: uma teimosa esperança, uma fé ardente e um inflamado amor, todos componentes essenciais da mística e da contemplação, bem como da compaixão.” Quem faz essa declaração é o teólogo Getulio Bertelli, na entrevista que segue, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Estudioso de Merton, Bertelli explica o conceito de compaixão para o monge trapista: “Compaixão é uma metáfora polissêmica, que hoje podemos compreender como sinônimo de solidariedade, justiça, ternura, amor”. Para Getulio Bertelli, no mundo atual, este se tornou “um conceito central, diante do oceano de sofrimento humano, e de tantas vítimas: das guerras, dos desastres climáticos, da Aids, da ganância sem medida e da competição promovida pela ideologia neoliberal, da violência endêmica e pandêmica em nossa sociedade e no mundo”. E conclui: “Para Merton, a compaixão é um corretivo da mística. Nenhuma mística é autêntica se não se converter em compaixão”. Em suas respostas, Bertelli também reconhece que, “diante da gravíssima crise econômica que vivemos hoje, Merton por sua vida, obra e morte, inspira-nos a adotarmos um estilo de vida mais sóbrio, mais partilhado, mais respeitador da alteridade e da diversidade”.

Getúlio Antônio Bertelli possui graduação em Filosofia, pela Universidade de Passo Fundo, graduação em Teologia, pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo (EST), e mestrado e doutorado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente, é professor da Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Paranaguá, no Paraná. Tem experiência na área de Filosofia, Teologia e Antropologia. É autor de *Mística e compaixão. A teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton* (São Paulo: Edições Paulinas, 2008).

IHU On-Line - O senhor pode falar um pouco sobre a vida de Thomas Merton?

Getulio Bertelli - Thomas Merton foi um dos maiores mestres de espiritualidade a partir da metade do século XX até hoje. Dia 10 de dezembro próximo, lembramos os quarenta anos de sua morte martirial. Ele ficou conhecido no mundo inteiro a partir da publicação de sua autobiografia intitulada *A montanha dos sete patamares*.¹ Essa

obra foi escrita sete anos depois de ele entrar no Mosteiro Trapista de Nossa Senhora de Gethsemani, em Kentucky, centro sul dos Estados Unidos. Foi o seu Abade Dom Frederick Dunne que pediu para que ele escrevesse a história de sua vida, na expectativa de que servisse de exemplo para outros jovens como ele. Mas a obra teve tal acolhida, que de repente se tornou um *best-seller* mundial, e - contra sua própria vontade - Merton virou celebridade. Isso porque ele apresentou ao mundo valores descobertos no escondimento da solitude monástica, e que estavam

escamoteados pela II Guerra Mundial. Tais valores são, basicamente, uma teimosa esperança, uma fé ardente e um inflamado amor, todos componentes essenciais da mística e da contemplação, bem como da compaixão.

IHU On-Line - Como se deu a primeira conversão de Merton (do mundo ao mosteiro)? Como ele se torna um monge trapista?

Getulio Bertelli - Merton viveu sem rumo e sem norte até os 23 anos de idade. Passava as noites nos bares, ao invés de estudar. Foi pai solteiro, envolvendo-

¹ MERTON, Thomas. *A montanha dos sete patamares* (Petrópolis: Vozes, 2005). (Nota do entrevistado)

se num processo judicial em Cambridge, Inglaterra, por causa disso. Mãe e filho provavelmente morreram no bombardeio de Hitler a Londres. Mas, quando estudava na Universidade de Columbia, um dia deparou-se numa livraria com uma obra que o marcou indelevelmente: *O espírito da filosofia medieval*,² de Etienne Gilson.³ Até então, Merton achava que a Igreja Católica era uma das maiores superstições da humanidade, juntamente com a religião judaica. Foi o que seu avô maçom ensinou a ele. Mas o encontro com a obra de Gilson mostrou a profundidade da filosofia católica, em contraste com sua vida pessoal, vazia e carente de sentido. Gilson é também um dos maiores especialistas em São Boaventura,⁴ que, infelizmente, não se tornou o teólogo oficial da Igreja, mas tem uma teologia e uma espiritualidade que são como a arquitetônica de uma catedral gótica: de qualquer ponto que você considerar, acaba vendo o todo. Uma espiritualidade que, na esteira de São Francisco de Assis,⁵ realça a dimensão espiritual do universo, e a compaixão

2 GILSON, Étienne. *O espírito da filosofia medieval* (São Paulo: Martins Fontes, 2006). (Nota da IHU On-Line)

3 Étienne Gilson (1884-1978): filósofo francês e historiador da filosofia. Em 1946, foi eleito "imortal" (membro) da academia francesa. (Nota da IHU On-Line)

4 São Boaventura (1221-1274): bispo franciscano, filósofo, confessor e doutor da Igreja. Foi uma das mais poderosas inteligências de seu tempo e de toda a história da Igreja. Discípulo de Alexandre de Hales, era amigo e companheiro de lutas do dominicano Tomás de Aquino. Tiveram ambas carreiras paralelas, juntos combateram os erros de doutores de Paris inimigos das Ordens mendicantes. Ambos faleceram relativamente jovens, no mesmo ano. Boaventura teve, diferentemente de Tomás, uma vida muito ativa que não lhe permitiu dedicar todo o seu tempo ao estudo. Também conseguiu superar a disputa interna de seus pares a respeito do voto de pobreza. Em 1273, foi nomeado cardeal-bispo de Albano e, no segundo Concílio de Lyon, desempenhou papel fundamental na reconciliação entre o clero secular e as ordens mendicantes. Foi nesse encontro que São Boaventura morreu, em 15 de julho de 1274. Homem tão inteligente quanto humilde, foi declarado doutor da Igreja e canonizado em 1482. (Nota da IHU On-Line)

5 São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da Ordem dos Frades Menores, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis, confira a edição 238 da IHU On-Line, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*. (Nota da IHU On-Line)

para com todas as criaturas, humanas e não-humanas.

IHU On-Line - Como foi a segunda conversão de Merton (do mosteiro ao mundo)?

Getulio Bertelli - De 1948, ano da publicação de sua auto-biografia, até 1958, Merton viveu um paradigma monástico de desprezo pelo mundo (*contemptus mundi, fuga mundi*). Em 1958, acontece uma mudança de paradigma, um ponto de inflexão. Se antes sua mística era apenas um *subir para Deus*, agora começa um processo de *descer aos humanos*, uma abertura ao mundo (compaixão). Foi em pleno centro comercial de Louisville, Kentucky, atrás da catedral católica Our Lady of Assumption, que isso aconteceu, embora o processo psicológico seja bem anterior. Merton, vendo circular tanta

“(Merton) Sentiu-se parte da família humana, da qual o próprio filho de Deus quis fazer parte. Era o início de uma conversão”

gente, teve a intuição de que não havia nenhuma separação nem diferença entre ele, que era monge, e todo aquele povo caminhando freneticamente por lá. Sentiu-se parte da família humana, da qual o próprio filho de Deus quis fazer parte. Era o início de uma conversão, que iria repercutir nas suas obras escritas daí em diante, abrindo-se para questões de violência (contra negros, índios, asiáticos), injustiça nas relações entre o Norte e o Sul, e os rudimentos de uma ecoteologia e ecoespiritualidade (mais vividas que elaboradas). Até hoje uma placa naquele lugar recorda a segunda conversão de Merton.

IHU On-Line - Como o senhor descreve o conceito de compaixão em Merton?

Getulio Bertelli - A compaixão é uma metáfora includente em Merton, que tem a ver com sua segunda conversão, como dissemos. Ele a personifica e desposa, como São Francisco de Assis personifica e desposa a “Dama Pobreza”. Compaixão não é um conceito psicológico, mas ontológico. Não é sentimentalismo, nem assistencialismo. É um dos elementos constitutivos das grandes religiões da humanidade, base comum dos diálogos entre as místicas cristã, budista, judaica (cabala), e sufi (islâmica). Compaixão é uma metáfora polissêmica, que hoje podemos compreender como sinônimo de solidariedade, justiça, ternura, amor. Era um termo periférico no passado. Mas, no mundo atual, tornou-se um conceito central, diante do oceano de sofrimento humano, e de tantas vítimas: das guerras, dos desastres climáticos, da Aids, da ganância sem medida e da competição promovida pela ideologia neoliberal, da violência endêmica e pandêmica em nossa sociedade e no mundo. Para Merton, a compaixão é um corretivo da mística. Nenhuma mística é autêntica se não se converter em compaixão. Numa linguagem mais clássica, tão bem formulada pelo nosso querido bispo Dom Pedro Casaldáliga:⁶ “Devemos subir a Deus e descer aos humanos”.⁷ Essa “descida aos humanos”, depois de ter subido a Deus, é a compaixão (tomei essa frase como epígrafe ao meu livro, pois ela diz tudo: abertura a Deus e abertura ao mundo). Foi no seguimento de Jesus, em sua prática feita de compaixão, sabedoria e coragem, que Merton se inspirou para fazer dela uma das colunas mestras de sua espiritualidade.

IHU On-Line - Quem é Ernesto Cardenal? O que ficou de Thomas Merton

6 D. Pedro Casaldáliga (1928): nasceu em Balsareny, na Espanha. Ingressou na Congregação Claretiana em 1943. Em 1968, mudou-se para a Amazônia e, em 1971, o Papa Paulo VI, o nomeou bispo de São Félix do Araquáia, no Mato Grosso. Adepto da Teologia da Libertação, tem como lema “Nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar”. É poeta, autor de várias obras. No ano 2000, foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual de Campinas. No sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), pode ser conferida a entrevista com D. Pedro Casaldáliga, publicada no dia 06-04-2007, intitulada “A cruz é fruto do maior amor”. (Nota da IHU On-Line)

7 CASALDÁLIGA, P. e VIGIL, J. Maria. *Espiritualidade da Libertação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 18. (Nota do entrevistado)

nele?

Getulio Bertelli - Cardenal é considerado o maior poeta latino-americano depois de Pablo Neruda.⁸ É também um místico profundamente envolvido com a busca de um mundo melhor, uma sociedade mais fraterna e solidária. Começando em sua pátria, a Nicarágua, que ele ajudou a libertar da ditadura Somoza. A família do ditador Anastácio Somoza⁹ dominava a Nicarágua por décadas, apoiada pelo governo dos Estados Unidos. O próprio Cardenal participou de um assalto ao palácio presidencial para derrubá-lo. Mas um traidor delatou e a libertação do país foi adiada. Cardenal chegou a ser ministro da cultura no governo sandinista. Mas toda a utopia revolucionária veio por água abaixo, quando Ronald Reagan,¹⁰ junto com o papa João Paulo II,¹¹ destruiu a revolução. Reagan financiou os “contras”, os bandidos e ex-guardas de Somoza que ficaram desempregados quando a Revolução triunfou. Eles minavam os portos, destruíam a agricultura, assassinavam pessoas. Chegou ao ponto em que 50% do orçamento da nação ia para a defesa, em detrimento da utopia revolucionária de melhorar a situação do povo. O Papa João Paulo II, que nunca entendeu a Teologia da Libertação,¹² suspendeu a *divinis officiis* qua-

8 **Pablo Neruda** (1904-1973): poeta chileno premiado com o Nobel de Literatura de 1971, um dos mais importantes poetas da língua castelhana do século XX. Também foi cônsul do Chile na Espanha e no México. (Nota da IHU On-Line)

9 **Anastasio Somoza García** (1896 -1956) foi, oficialmente, o trigésimo quarto e trigésimo nono Presidente da Nicarágua, mas efetivamente comandou o país como ditador desde 1936 até ser assassinado. (Nota da IHU On-Line)

10 **Ronald Reagan** (1911-2004): ator norte-americano formado em economia e sociologia. Foi eleito governador da Califórnia em 1966, e se reelegeu em 1970 com uma margem de um milhão de votos. Conquistou a indicação à presidência pelo Partido Republicano em 1980, e os eleitores, incomodados com a inflação e com os americanos mantidos há um ano como reféns no Irã, o conduziram à Casa Branca. Antes de ocupar a presidência, passou 28 anos atuando como ator em 55 filmes que não entraram para a história, mas que lhe deram fama e popularidade. Sua carreira no cinema terminou em 1964, em *The killers*, único filme em que atuou como vilão. (Nota da IHU On-Line)

11 **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

12 **Teologia da Libertação**: escola importante

tro dos sacerdotes em cargos no governo sandinista. Passou ao povo a imagem de que a revolução era má, que os católicos não deviam participar dela. Na eleição presidencial de 1990, o sandinismo foi derrotado. Uma revolução perdida. Cardenal termina sua obra do mesmo nome com essa bela confissão de esperança: “Toda revolução nos aproxima do Reino dos Céus, inclusive uma revolução perdida. Haverá mais revoluções. Peça-mos a Deus que se faça sua revolução na terra como no céu”.¹³ Eis algumas obras de Cardenal: *Cântico cósmico*,¹⁴ na qual exalta a dimensão espiritual do universo. Para ele, ser monge em nosso continente é ser revolucionário. Sua poesia é revolucionária, e cheia da mais fina espiritualidade. Basta ler seu livro intitulado *Salmos*.¹⁵ Merton considerava ser esta a versão para ser lida e cantada pelos monges. Podemos dizer, enfim, que Cardenal faz a síntese entre Teresa de Ávila¹⁶ e Che Guevara,¹⁷ no dizer de frei Betto.

na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Ela surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. A Teologia da Libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema, confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*. (Nota da IHU On-Line)

13 **CARDENAL, Ernesto**. *La Revolución Perdida* (RP). Memórias 3. Madrid: Trotta, 2004, p. 473. (Nota do entrevistado)

14 **Id.** *Cântico cósmico*. São Paulo: Hucitec, 1996. (Nota do entrevistado)

15 **Id.** *Salmos*. Madrid: Trotta, 1998. (Nota do entrevistado)

16 **Teresa de Ávila** (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros, citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior* ou *Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. De Teresa, confira *Santa Teresa de Jesus – “Livro da vida”* (4. ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1983). (Nota da IHU On-Line)

17 **Ernesto Guevara de La Serna** (1928-1967): cirurgião plástico, político, revolucionário e guerrilheiro esquerdista argentino nascido em Rosário, considerado um marxista heterodoxo por sua obra teórica e apelidado de “Che” pelos revolucionários cubanos por sua origem argentina. De uma família de classe média, formou-se em medicina na Universidade de Buenos Aires, onde integrou-se nas lutas universitárias na Argentina, tomando desde cedo posições revolucionárias. Para ele, só a luta armada poderia erradicar a miséria dos diver-

O que ficou de Merton em Cardenal foi uma marca indelével, que ele jamais esqueceu: a lição de que não se pode ser contemplativo sem estar comprometido com os destinos do próprio país: “O contemplativo não pode ficar alheio às lutas políticas”, diz textualmente Cardenal, para depois citar Merton, quando diz: “Não resta dúvida de que se deve combater a ditadura, se possível com a não violência. Mas se não é possível, com a violência” (RP 670). A influência de Merton foi tão grande em Cardenal, que quase quarenta anos depois de sair do Mosteiro, ele escreveu dois livros de Memórias para lembrar Merton e a Abadia de Gethsemani. São eles: *Vida perdida*¹⁸ (VP) e *Las insulas extrañas* (IE).

IHU On-Line - Como foi o encontro de Merton com Ernesto Cardenal? Como foi essa experiência e qual sua contribuição para a Teologia da Libertação?

Getulio Bertelli - Merton conheceu Cardenal quando este bateu à porta do mosteiro para se tornar monge em 1957. Não sabia que teria como mestre de noviços quem o inspirou a se converter à fé católica (tinha lido todos os livros de Merton; tinha estudado na mesma universidade que ele em Columbia; era poeta e escritor como ele). Logo se desenvolveu uma profunda amizade entre o mestre e seu noviço. Merton mostrou profundo interesse pela realidade latino-americana: as ditaduras do continente, a pobreza da imensa maioria da população, profundamente cristã na sua imensa maioria. Cardenal colocou-o a par de tudo isso, suprimindo com recortes de jornais as informações solicitadas, e introduzindo-o aos escritores latino-americanos. O noviço temia ter que renunciar à sua vocação de escritor ao se tornar monge. O mestre, ao contrário, incentivou-o a escrever, para compartilhar com os outros os frutos da contemplação (*contemplata aliis tradere*). Com esse encontro, Merton acabou sendo um dos precursores da espiritua-

los países da América Latina. Sobre Che, confira a edição 239 da IHU On-Line, intitulada *Che*, publicada em 08-10-2007. (Nota da IHU On-Line)

18 **CARDENAL, Ernesto**. *Vida perdida* (VP): Memórias 1. Madrid: Trotta, 2005. (Nota do entrevistado)

Id. *Las insulas extrañas* (IE): Memórias 2 Madrid: Trotta, 2002. (Nota do entrevistado)

Id. *La revolución perdida* (RP): Memórias 3 Op. Cit., (Nota do entrevistado)

lidade da libertação latino-americana, unindo os dois amores antes citados.

IHU On-Line - Qual a principal riqueza da correspondência entre Merton e Cardenal?

Getulio Bertelli - Ambos se enriqueceram com a amizade durante o período do noviciado, e depois com a correspondência epistolar quando Cardenal deixou o mosteiro por motivos de saúde (1959) até a morte de Merton (10 dezembro de 1968). Merton também queria deixar o mosteiro, por considerá-lo muito rico, e as relações muito artificiais. Mas foi impedido por seus superiores, que convenceram o Vaticano a impedir sua saída. Então, Merton encarregou seu ex-noviço de fundar uma comunidade monástica, e este escolheu uma Ilha do Arquipélago de Solentiname. Merton foi o inspirador dessa comunidade: mais simples, mais evangélica, mais livre das amarras institucionais. Devia cultivar a arte e a política, e não se distinguir dos vizinhos ao redor nem pelas vestes, nem pelas atividades. Até hoje, Solentiname é uma ilha de artistas, pintores, escultores, cujas obras são conhecidas no mundo inteiro.

IHU On-Line - O que aconteceu com a comunidade monástica fundada por Cardenal, sob a inspiração de Merton, na Ilha de Solentiname, e o que aconteceu com a revolução sandinista?

Getulio Bertelli - O ditador Somosa bombardeou-a por considerá-la subversiva. Cardenal felizmente escapou e foi capelão dos guerrilheiros. Depois, entrou para o governo sandinista como ministro da cultura, como dissemos. Reagan e o Vaticano compartilhavam da mesma política com relação à revolução da Nicarágua. Ambos são responsáveis por destruírem essa experiência, a primeira revolução com a plena participação dos cristãos na história. No ano da visita do papa João Paulo II à Nicarágua, o Vaticano ameaçou com sanções os sacerdotes com cargos públicos no governo: Cardenal foi então proibido de administrar os sacramentos (RP 321). O mesmo Papa, que censurou publicamente Cardenal na chegada ao aeroporto de Manágua, diante das câmeras de televisão do mundo inteiro, abraçava o assassino do arcebispo Oscar Romero¹⁹ em El Salvador (RP 303).

¹⁹ Dom Oscar Romero (1917-1980): arcebis-

IHU On-Line - A partir de seu livro recém-lançado, *Mística e compaixão*, o que caracteriza a teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton?

Getulio Bertelli - Basicamente trata-se de dois amores acima citados: o amor a Deus e a causa dos pobres (RP 322). O seguimento de Jesus em Merton tem essa dupla abertura, citada anteriormente: abertura para Deus, (com paixão infinita, dedicação incondicional na consagração como monge, sacerdote e eremita) e abertura para os humanos, denunciando o racismo, a violência endêmica na sociedade, o imperialismo norte-americano, evidente na Guerra do Vietnam, mediante a voz e a escrita, e como formador de opinião em jornais de grande circulação nos EUA (como o *New York Times*, *El Obrero Catolico* etc.). Ele deu sua contribuição inspirando a criação de grupos promotores da paz, até hoje resistindo à acomodação da hierarquia católica, e sacudindo os cristãos tão identificados com a “religião civil”; em que a Constituição está acima do Evangelho; e, em que a palavra do presidente é quase infalível. Qualquer crítica às suas decisões é considerada traição, crime passível de assassinatos cometidos pelo FBI (dentro do país) e pela CIA (no exterior). O seguimento de Jesus em Merton teve o mesmo preço que seu Mestre: a morte martirial, como comprovou o jornalista Robert Grip, que abriu os arquivos da CIA, onde o nome de Merton aparece, e toda a sua correspondência “suspeita” arquivada. Ele foi denunciado ao FBI pelos católicos ultranacionalistas de Louisville como uma pessoa perigosa, cujos passos deviam ser vigiados. Até uma novela foi escrita, intitulada *The bossuet conspiracy*,²⁰ de Goodson Bill, sobre o assassinato de Merton. Ele teve uma morte martirial, como tantos e tantas na América Latina, conseqüência inevitável de sua postura profética desde o coração do império americano, já então transformado numa “Babel, armada de bombas”, como escreve Cardenal nos *Salmos* (p. 74).

po católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. (Nota da IHU On-Line)

²⁰ GOODSON, Bill. *The bossuet conspiracy*: A Novel. New York: iUniverse, Inc. 2003. (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - Qual a mensagem de Merton para nós hoje?

Getulio Bertelli - Diante da gravíssima crise econômica que vivemos hoje, Merton por sua vida, obra e morte, inspira-nos a adotarmos um estilo de vida mais sóbrio, mais partilhado, mais respeitador da alteridade e da diversidade. Inspira a estendermos o conceito de compaixão e opção preferencial pelos pobres também ao planeta Terra, fragilizado e ferido de morte. Vivemos um momento purificador da humanidade, em que a ganância dos ricos foi golpeada duramente. Talvez a duras penas todos aprendamos a ascese monástica que Merton praticou nos 27 anos de vida religiosa: viver com sobriedade, desfazendo-nos do supérfluo, para que todos possam ter vida. Apesar de incompreendido pelos superiores hierárquicos, impedido pelo Vaticano de transferir-se para a América Latina, Merton decidiu permanecer “filho de uma Igreja contestada”, como escreve Antonio Merino, a respeito de São Francisco de Assis. Merton também “sabia que a Igreja é frágil... inclusive a hierarquia é composta de pessoas limitadas, que devem ser compreendidas e ajudadas, mas das quais não se deve desertar, e que muito menos se deve detestar”.²¹ Além dessa fidelidade incondicional, apesar do inverno eclesial e da noite escura em que vivemos na Igreja hoje, Merton nos inspira a criar pontes entre as grandes religiões da humanidade, com vistas a salvar nosso planeta, morada de Deus e dos homens. Esses dois pilares: a mística e a compaixão, comuns a todas as religiões, podem servir para unir a humanidade, vencendo os fanatismos religiosos e políticos, e apontando para a diversidade querida por Deus para dar conta da fecundidade infinita do Sumo Bem.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Getulio Bertelli. Acesse nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu

Entrevista:

* *A mística de Thomas Merton*, publicada na IHU On-Line número 134, de 28-03-2005, intitulada *Céculas-tronco embrionárias. Fronteira promissora da medicina?*

²¹ MERINO, A. *Humanismo franciscano: franciscanismo e mundo atual*. Petrópolis: FFB, 1999, 178s. (Nota do entrevistado)

Filme da Semana

O filme comentado nessa edição foi visto por algum/a colega do IHU e está em exibição nos cinemas de Porto Alegre, como o Center, do Shopping João Pessoa.

Última parada 174

Ficha técnica

Título original: Última parada 174

Diretor: Bruno Barreto

Gênero: Drama

Tempo de duração: 114 minutos

Ano de lançamento: (Brasil/França): 2008

Elenco: Michel Gomes (Sandro), Marcello Melo Jr. (Alê Monstro), Gabriela Luiz (Soninha), Cris Vianna (Marisa), Anna Cotrim (Walquíria), Tay Lopes (Jaziel), Jana Guinoud (Maria)

Resumo: O menino Sandro Barbosa do Nascimento resolve sair da casa de pais que o adotaram, indo para as ruas do Rio de Janeiro. Aos poucos, ele se envolve com drogas e assaltos, enquanto é procurado por uma mulher que pensa ser sua mãe.

Realidade sem demagogia

POR ANDRÉ DICK

O filme *Última parada 174*, de Bruno Barreto, chegou aos cinemas brasileiros com uma carga desnecessária: ser representante do Brasil na lista inicial de indicados ao Oscar de melhor filme estrangeiro de 2009. Como ele nem havia estreado em rede nacional quando foi escolhido por um júri do Ministério da Cultura, quando lançado acabou tendo seu raio de alcance diminuído, uma vez que se esperava um filme do nível de *Cidade de Deus*, por exemplo, indicado, há alguns anos, a vários Oscars.

No entanto, se não é uma obra excelente, o filme de Bruno Barreto tem uma qualidade indiscutível: não é exagerado nem demagógico. O diretor, que vem alternando filmes falados em inglês (como *Voando alto*) ou em português (*O casamento de Ro-*

meu e Julieta), ou com a mistura entre os dois idiomas (como é o caso da comédia romântica *Bossa Nova*, com Antônio Fagundes e Amy Irving), sabe como filmar uma história depois de muitos anos de experiência atrás da câmera. Ou seja, Barreto sabe como tornar, por exemplo, o cenário que foca num elemento tão importante da narrativa que parece um personagem à parte. Desta vez, ele volta suas lentes para o Rio de Janeiro, filmando a cidade como poucos cineastas. Se havia uma certa melancolia nas praias e ruas de seu filme *Bossa Nova*, menos ensolarado do que a cidade em que se passa, com personagens situados em meio a um mundo de executivos, em *Última parada 174*, Barreto reproduz a carga de uma cidade situada entre o centro, carregado de meninos de rua,

e as favelas, onde se situa o tráfico de drogas, que parece movimentar a rotina. O movimento de câmera, no início, da favela para a cidade representa bem isso.

É possível até pensar que Barreto mostra a realidade de maneira mais crua, por exemplo, do que o bélico *Tropa de elite*,¹ que procura engrandecer a ação policial sob a ótica de que bandido bom é bandido morto. Em *Última parada 174*, não há esse maniqueísmo. Há, isto sim, uma visão mais simples e mais decadente do que, também, outro referencial do gênero, *Cidade de Deus*, que mostrava a violência do indivíduo desde a infância, mas evitava revelar melhor a

¹ Conferir a resenha "O Bope em ritmo de rock", de André Dick, na IHU On-Line número 240, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. (Nota da IHU On-Line)

cruza das drogas, preferindo tornar alguns de seus personagens em seres mitológicos, apresentando traços bem-humorados, digamos, por meio da violência. Isso quer dizer que, enquanto *Cidade de Deus* tentava despistar a realidade com a trilha sonora dos anos 1970 – não deixando de ter qualidade por isso –, Barreto filma tudo com uma certa distância, mas que não chega ao limite de lembrar um documentário, com depoimentos ou algo do gênero – o que se deve, também, ao roteiro de Bráulio Mantovani, curiosamente o mesmo de *Cidade de Deus*. A primeira seqüência é exemplar, porque reproduz uma realidade sem querer encobri-la com idéias demagógicas. É um retrato cru e forte, sem nenhuma piedade. É nesse sentido que ele lembra o documentário *Ônibus 174*, feito por José Padilha, de *Tropa de elite*. Ele consegue, mesmo assim, ficcionalizar uma história real, utilizando, sobretudo, uma fotografia de alta elaboração (assinada por Antoine Heberlé), uma montagem ágil (de Letícia Giffoni), que nunca deixa lacunas entre os vários níveis narrativos do filme, e a música de Marcelo Zarvos, que evidencia um conflito que é iminente.

O clímax de qualquer filme é prejudicado quando se conhece ou se antevê o fim da história. No caso da obra de Barreto, o interessante é justamente acompanhar os passos do menino que causou a comoção em 2000, no ônibus 174, Sandro Barbosa do Nascimento, que, órfão, resolve sair da casa de pais que o adotaram, indo para as ruas do Rio de Janeiro. Logo ele se envolve com drogas, sendo ajudado por uma ONG, que o leva para o abrigo de uma favela depois da chacina da Candelária. No entanto, ele acaba sendo preso por porte de drogas e vai para a cadeia, onde reencontra Alessandro, que cobrava o dinheiro de drogas usadas por ele e de seus amigos. Ali, eles se tornam amigos. Ao mesmo tempo, Barreto mostra a vida de uma mulher que perdeu o filho, ainda pequeno, chamado Sandro, para um traficante de morro. Namorada de um pastor, ela está atrás do filho e acredita que seja o Sandro

recolhido pela ONG e depois levado para a cadeia. Sandro também acaba se envolvendo com uma mulher que conheceu ainda criança, e tornou-se prostituta, não querendo estabelecer nenhum compromisso.

O personagem não é esquemático em nenhum momento, e Barreto sabe como, aos poucos, desenvolvê-lo. É ajudado, claro, pela excepcional atuação de Michel Gomes. Sabendo filtrar

“Barreto filma tudo com uma certa distância, mas que não chega ao limite de lembrar um documentário, com depoimentos ou algo do gênero. A primeira seqüência é exemplar, porque reproduz uma realidade sem querer encobri-la com idéias demagógicas”

as mudanças de seu personagem, Gomes atinge uma interpretação caracterizada pela mudança de comportamento, o que imprime muito realismo ao personagem, de maneira irretocável. A seqüência em que Sandro conta como gosta de viver em meio ao chafariz e que há um resquício de sol sobre o Cristo naquela manhã mostra o

quanto sua interpretação é excelente. Essa ligação com a possibilidade de mudança de vida é sempre ligada, no filme, à figura feminina: não por acaso, em determinada cena, Sandro está nos braços de uma mulher como o personagem do Pixote de Hector Babenco nos braços de Marília Pêra. A situação é diferente, mas o enfoque dado, além da sensibilidade para reproduzir essa seqüência, é a mesma: Sandro, para Bruno Barreto, é um pixote que veio à tona por meio de um acontecimento que chamou a atenção de toda a mídia, revelando a via de escape para um universo que se encontra asfixiado pelo sistema. E a única alternativa para ele é a figura feminina, seja na figura da mãe, da namorada ou da mulher que o ajuda na ONG. Isso porque a figura masculina é a do “irmão” que o leva a assaltar para ganhar a vida, ou lhe oferece drogas, ou o castiga (como no caso dos policiais). Não há, nesse caso, tranquilidade para o personagem Sandro: situado nessa divisão, ele não consegue responder ao que se espera de sua vida.

Nesse sentido, a obra de Barreto é sobre a crescente perda pela qual Sandro passa. Mesmo com chances reais de se inserir na sociedade, é como se houvesse um passado que sempre o prendesse no mesmo lugar. Como o outro personagem, Alessandro, que não consegue se desviar do mundo do crime. Barreto, acostumado a pintar seus personagens de forma colorida, desta vez parece não neutro, mas confiante em revelar sua percepção, mostrando-se um cineasta mais maduro. Como o incidente com o ônibus 174 é apenas desculpa para mostrar o restante – não há um clímax, como não há apelos ao longo do filme –, o cineasta Bruno Barreto parece ignorar o que tornou o caso de Sandro tão conhecido: a mídia. Esta é vista apenas como o sinal da propagação de desespero e de manipulação para ganhar ibope. Como não é o desespero que interessa a Barreto, e sim a forma de encará-lo, *Última parada 174* acaba sendo mais do que pretendia: uma obra ficcional capaz de trazer o espectador à realidade como poucos filmes já feitos no Brasil.

Invenção

Editoria de Poesia

Fernando Paixão

POR ANDRÉ DICK

O poeta Fernando Paixão nasceu na pequena aldeia de Beselga, de Portugal, em 1955. No início de 1961, veio morar no Brasil. É formado em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Teoria e História Literária, pela Unicamp, e doutor em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Organizou a obra *Poesia de Mário Sá-Carneiro* (São Paulo: Iluminuras, 1995), acompanhada de uma análise. Sobre esse poeta português, também publicou o estudo *Narciso em sacrifício: a poética de Mário de Sá-Carneiro* (São Paulo: Ateliê Editora, 2003). Publicou os livros de poesia *Rosa dos tempos* (São Paulo: Pau Brasil, 1980), *Fogo dos rios* (São Paulo: Brasiliense, 1989), *25 azulejos* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *Poesia a gente inventa* (São Paulo: Ática, 1996) – este com poemas para crianças –, *Poeira* (São Paulo: Ed. 34, 2001) e *A parte da tarde* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2005).

Se em *Fogo dos rios*, o poeta se baseia, para compor seus versos, nos textos filosóficos deixados pelo grego Heráclito de Éfeso (c.540-470 a.C.), em *25 azulejos*, Paixão continua a mostrar uma poesia com toques de filosofia, mas sempre baseada em observações direcionadas ao cotidiano. O rio, de certo modo, continua dando à poesia de Paixão um passo metafórico, como percebemos no poema “Incêndio”: “À margem deste rio / curva-se / a árvore em forma oblíqua / de pergunta. / Surpreendida na imagem / apura / o arco até o confim. / Embaixo as águas picotam / o verde / emprestam-lhe a dança. / Era o que incendiava a lógica da tarde”. Ou quando compara a multidão a um rio, em “Anônimo”: “Caminho sob o lençol da multidão / a obscurecer imagens. / Caminhar: desfazer-

se em líquidos / passos que decidem / o jogo ternário das esquinas. / [...] / Vou me banhar no rio das casas”. Em “Ilha”, por sua vez, mostra a força da água contra a pedra, que pode ser vista também como uma pessoa: “Na orla de curvas ásperas / a água bate / rebate marolas cansadas / deixa o limo. / A pedra recebe o visgo / em visita / remoendo a forma. / Depois da pele em musgos / vem a carne / completar-lhe os ossos. / E a pedra se fez animal”. No poema inicial do livro *Poeira*, surge novamente a imagem do rio, desta vez como símbolo que não passa: “Nas guerras de antigamente / os rios seguiam a batalha / com o seu bordão triste. / Soldados feridos e curvados / vinham morrer na quietude / das margens acolhedoras”.

Objetos que ganham vida

Existe também, nos poemas de Paixão, além dessa analogia entre humanidade e água (representada pelo rio), a composição de um contexto familiar, de presenças e ausências. Os objetos, ao mesmo tempo, ganham vida, como no poema “Aleijadinho” (de *25 azulejos*): “[...] a pedra humanizada / respira / o silêncio das colinas, ou em “Azulejista”: “A parede crua desaparece lenta / submetida ao capricho / de uma pele de esmalte e infinito”. No poema “Anunciação” (de *Poeira*), lemos: “o pêssego oferece / a pele em seda / à espera dos dedos”. A amada também surge em meio ao versos, assim como pistas da leitura da tradição. Acompanhado de uma certa metalingüística, o modelo de Paixão para seus versos é a imagética que cerca os passos do dia-a-dia. Em “Praça maior”, Paixão atinge a melhor descrição de sua poética: “Um

corte de sombras / esquece da geometria. / / Só as bicicletas insistem / na vontade oblíqua / por dobrar esquinas. / Nenhum sol ausente: / / – luz a pino”. No fechamento desse poema, há uma contenção que impressiona: “Cada pessoa guarda o pensamento / entre os dedos. Há um nome / um corpo a levar / sob a curva dos pombos” – como se o corpo ficasse leve e pudesse voar. Com isso, é comum existir, na poesia de Paixão, um afastamento para um ambiente que parece longínquo, preso na recordação, como em “Três assobios”: “Atento às linhas do horizonte / ao alfabeto casual das árvores / o camponês lê as ovelhas / arrancando as vírgulas da tarde”. Ou na série de poemas intitulada “Poeira de areia”. Isso porque existe, nessa série, uma rememoração do poeta para imagens que remetem sobretudo à infância e à família, no quinto fragmento: “Adultos e crianças vão guiados / por um andor branco e comovente. / Formam / duas fileiras de mãos atenciosas. / [...] / Até que o vento apaga / o dedo em luz. / Solução. Desamparo. / / Como um segredo / a avó me repassa o fogo”. A ligação do sujeito com a natureza também é destacada: no sexto fragmento dessa série, Paixão descreve a noite como “pálpebra escura e grave / sobre as casas”; e, no sétimo, o fogo traz brasas que contam histórias. Até que no décimo argumento, Fernando Paixão volta a um dos aspectos mais fortes em sua obra: o que liga o sujeito à água. Nesse fragmento, podem ser lidos os seguintes versos, depois de o poeta falar em mulheres nas águas e meninos correndo: “O rio alivia um depósito de almas”. Veja, a seguir, um poema inédito que Paixão enviou à IHU On-Line.

MODO DE VER

Repentinos amanheceres
brotam na contenda das cores.

As coisas postas em seu reino
de inumeráveis, múltiplos eixos.

Detalhes de velhas árvores anunciam
uma aquarela de abandonos.

A morte se esconde no incenso.
Bumerangue do sentimento.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 01-12-2008 a 07-12-2008.

Memorial Jesuíta: memória da cultura da Companhia de Jesus

Entrevista com Luiz Fernando Rodrigues
Confira nas Notícias do Dia 01-12-2008

Um espaço para reunir a cultura jesuíta: essa é a função do Memorial Jesuíta. Seu empreendimento é contado nesta entrevista.

Aids: problemas e perspectivas

Entrevista com Letícia Ikeda
Confira nas Notícias do Dia 02-12-2008

Para a médica especialista em Doenças Sexualmente Transmissíveis, “falhamos nas políticas de prevenção para a população em geral, principalmente nas faixas etárias mais elevadas”.

Psicologia Social da Libertação

Entrevista com Stela Meneghel
Confira nas Notícias do Dia 03-12-2008

A professora Stela Meneghel esteve, recentemente, em Chiapas, no México, participando de um congresso sobre Psicologia Social e, ao voltar, nos concedeu esta entrevista. Para ela, “vivemos um momento ímpar de organização social e democratização”.

A urgência de uma Conferência Nacional da Comunicação

Entrevista com Claudia Cardoso
Confira nas Notícias do Dia 04-12-2008

Para entrevistada de hoje, um novo marco regulatório para a Comunicação Social brasileira é algo que precisa ser feito com urgência.

Tecnologias digitais da comunicação: por uma visão menos utópica

Entrevista com Cesar Bolaño
Confira nas Notícias do Dia 05-12-2008

Segundo Bolaño, é função do educador em comunicação desmistificar as tecnologias digitais e suas possibilidades, pois as gerações criadas nesse contexto vêem essa realidade como algo natural, embora talvez, não percebam que também podem estar sendo manipuladas por elas.

Tragédia em SC: “Um evento dessa ordem confirma aquilo que o famoso relatório do IPCC aponta”

Entrevista com Wagner Costa Ribeiro
Confira nas Notícias do Dia 06-12-2008

Embora não se possa provar que as enchentes e deslizamentos de terra que provocaram a morte de 118 pessoas no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, são uma consequência do aquecimento global, o professor concorda que o que ocorreu nessa região confirma os estudos do IPCC.

América Latina em ebulição. Uma análise dos governos e da crise financeira

Entrevista com Gilberto Maringoni
Confira nas Notícias do Dia 07-12-2008

“Tomara que essa situação não se aprofunde tanto, mas os indicadores são de que a crise vem e de forma acelerada”, diz o professor Gilberto Maringoni.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu, em 03-12-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

www.unisinos.br/ihu



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Dilemas do capitalismo atual no cinema

CEPAT exhibe o filme *Crash – No limite*, no dia 13 de dezembro

Para encerrar o evento **O Capitalismo visto pelo cinema**, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT), com sede em Curitiba, realiza a exibição do filme *Crash – No limite*, dirigido por Paul Haggis. A exposição da obra, que será seguida de análise e debate, ocorrerá no Sindicato dos Engenheiros – SENGE/PR, das 08h30min às 12h30min, com entrada gratuita. Desta vez, o filme será discutido à luz do tema dilemas do capitalismo.



Ao longo do ano, o evento abordou temas como o pré-capitalismo, a ordem mercantil, a produção fabril, a tentativa socialista e o fenômeno da alienação, entre outros. A atividade, que contou com o apoio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, buscou identificar os códigos usados em cada um dos filmes exibidos, estabelecendo uma relação à compreensão científica do capitalismo, além das formas de organização econômica e social.

Sinopse

O filme conta a história de Jean Cabot, a rica e mimada esposa de um promotor, que vive em uma cidade ao sul da Califórnia. Ela tem seu carro de luxo roubado por dois assaltantes negros. O roubo culmina num acidente que acaba por aproximar habitantes de diversas origens étnicas e classes sociais de Los Angeles: um veterano policial racista, um detetive negro e seu irmão traficante de drogas, um bem-sucedido diretor de cinema e sua esposa, e um imigrante iraniano e sua filha.

Perfil Popular

Rosane Flores da Motta

POR BRUNA QUADROS

Aos 50 anos de idade, Rosane Flores da Motta é um exemplo de dedicação e força de vontade. Ao contrário de muitas pessoas que chegam nesta idade e ficam somente em casa, administrando a rotina do lar, ela decidiu, literalmente, colocar a mão na massa. Há 18 anos, ela faz chocolates artesanais. E o que começou como uma brincadeira, hoje, é uma fonte de renda e, também, de lazer para Rosane, que visitou a redação da IHU On-Line na última semana para contar a sua trajetória de vida pessoal e profissional, que você confere a seguir:



BRUNA QUADROS

Rosane iniciou o trabalho com os chocolates porque seu filho caçula, o Vinícius, gostava, mas não podia comer porque tinha alergia aos conservantes. “Com isso, passei a fazer chocolates em casa. Até então, só fazia para o nosso consumo, mas as pessoas começaram a me pedir encomendas.” Aos poucos, Rosane começou a participar de feiras populares para expor os produtos e percebeu que podia ir além. “Comecei com bombons pequenos. Quis inovar, porque bombom todo mundo

vende. Então, comecei a fazer trufas.” O produto ficou conhecido como “Trufas Tia Sane”. Depois de ter uma loja no Shopping do Vale, em Cachoeirinha, e também em Esteio, Rosane, hoje, investe em outros pontos de venda, como locadoras e salões de beleza.

Toda a produção é feita na empresa, que funciona dentro de casa, no município de Sapucaia do Sul, cidade natal de Rosane. “Tem épocas em que eu preciso de gente para me ajudar, como no inverno, que chego

a fazer 8 mil trufas por mês, ou em datas comemorativas como Natal e Páscoa. Sou apaixonada pelo meu trabalho. Adoro o contato com as pessoas.” Mesmo quando pode ter um tempinho para o descanso, Rosane não pára. “Em dezembro, eu vou para a praia descansar. Também aproveito para fazer as embalagens decoradas para os chocolates de páscoa.”

Antes de se dedicar ao trabalho com as trufas, Rosane teve outros empregos, como o de atendente, na loja Palácio dos Enfeites, em Porto Alegre. “Gostava de trabalhar para ter o meu dinheiro, poder ir aos bailes no final de semana e comprar roupas novas, uma vez que minha família não tinha muitas condições financeiras.” Seu pai, Eduardo José, tinha comércio. E sua mãe, Dorcelina, era dona-de-casa, cuidava dos quatro filhos. “Quando éramos crianças, minha mãe trabalhava também para ajudar em casa. Ela está com 73 anos e é uma guerreira. Tivemos uma vida como a de todo o brasileiro: sempre tendo que lutar muito.”

Da infância, ela lembra com alegria. “Coisa boa aquele tempo. Eu corria na rua de pés descalços e brincava nas plantações de aipim. Hoje em dia, meu netinho Murilo, de 2 anos, tem que brincar dentro do pátio, pela falta de segurança.” Rosane conta que foi uma adolescente um tanto rebelde. Com estilo hippie, usava calças boca-de-sino e cabelos compridos. “Estudei até o segundo grau. Não sabia nada da vida, mas tudo era uma festa. Casei cedo, aos 17 anos. Meu marido, Paulo, é construtor. Ele fazia reformas nos hotéis da Varig e já viajamos muito, em função disso.”

Aos 18, Rosane teve seu primeiro filho, o Marcelo. Mãe de quatro filhos, Marcelo, Taís, Priscila e Vinícius, se orgulha da família. “Aprendi com os meus pais e passei para os meus filhos os valores de responsabilidade

e respeito com a família, além de união e carinho. Eu e meus filhos moramos próximos e não nos desgrudamos.” Tamanha é a união que a rua onde moram em Sapucaia do Sul é chamada de “Rua das Flores”, devido ao sobrenome da família.

Religião

“Viver e virar pó é muito pouco. Por isso, acredito muito no espiritismo, na vida após a morte.” Esta relação com o espiritismo se fortalece, quando Rosane lembra do seu pai, que faleceu há 16 anos, vítima de um infarte fulminante. “Ele foi o melhor pai do mundo. Sempre achamos que não é a hora de a pessoa ir. Ainda tenho roupas dele guardadas.” Emocionada, ela afirma que um dia ainda vai reencontrá-lo.

Visão política

“Existe muito roubo. Temos que escolher bem, porque serão quatro anos com a mesma pessoa no governo, mas não temos muitas opções.” Rosane destaca que é contra a política brasileira, porque o país rico, mas pouco aproveitado. “Não entendo muito de política, mas vejo muitas coisas erradas. Sempre pensei que o melhor salário deveria ser o do educador que, hoje em dia, está desmerecido.” Para Rosane, quando eram os militares que estavam no poder, havia mais ordem. “Podíamos andar na rua e existia mais respeito. Hoje, as pessoas entram para a política com o pensamento de roubar. Na saúde, há um desleixo com a população.”

SAIBA MAIS...

De 14 a 24 de dezembro, haverá uma Feira de Natal da Associação dos Funcionários da Unisinos (AFU), no câmpus da universidade, e as Trufas Tia Sane estarão à venda. Para conhecer os produtos, acesse o site: www.trufastiasane.com.br.

IHU Repórter

Susane Garrido



BRUNA QUADROS

POR BRUNA QUADROS

A professora Susane Garrido, que integra a docência da Unisinos desde 1996, é um exemplo de determinação e superação. Ainda na infância, ela traçava as metas de sua vida. Em primeiro plano sempre estavam os estudos. Hoje, ela se orgulha de já ter realizado muitos dos seus objetivos, como, por exemplo, constituir a sua família e conseguir dar continuidade aos seus estudos. Ao visitar a redação da revista IHU On-Line, para falar sobre a sua trajetória de vida, ela destacou que os filhos têm importante papel na sua formação pessoal e profissional. “Eles são meus companheiros de vida. Jam comigo para as aulas de mestrado na PUC.” Conheça um pouco mais da professora Susane, coordenadora do Unisinos Virtual: